MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

(IVª SECÇÃO)

Guia das Collecções de Archeologia Classica

POR A. CHILDE

CONSERVADOR

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1919

MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

(IVª SECÇÃO)

GUIA

DAS

Collecções de Archeologia Classica

POR

A. Childe

CONSERVADOR

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1919

1524-913

Celui qui rappelle à l'éxistence des choses anéanties, goûte toute la félicité de la création.

B. NIEBUHR.

NÃO sem razão disse Boeckh : as fontes de toda disciplina jorram profusas da antiguidade : *Omnium disciplinarum fontes ex antiquitate scaturiunt.*

O estudo proprio da antiguidade, ou melhor, do espirito antigo, é o objecto da archeologia, a qual o vae pesquizando atravez dos monumentos da arte, da vida social e politica, da religião e da philosophia. Ella liga os tempos prehistoricos e mythologicos, as primeiras tentativas de instituições humanas,— com as épocas historicas mais proximas e fornece, commentando-o, o material sobre o qual a historia se fundamenta. D'ahi resulta que a archeologia não é uma sciencia unica, mas um feixe de sciencias : mythologia, historia das artes e das instituições, paleographia, epigraphia, grammatica comparada, numismatica, etc. Cada povo do mundo offerece um campo aberto para os estudos do archeologo, e a archeologia comparada nos revela que a prehistoria não é uma época universalmente contemporanea para as grandes civilisações de outr'ora, e sim um periodo primordial, de onde cada povo surgiu para apparecer na lide das competições ethnicas ao lado de outros povos,

ora já evoluidos, ora decadentes. Quando os Dorios, por exemplo, se apoderam da civilisação myceniana, elles emergem das trevas da prehistoria, supplantando os Minoanos em declinio, na hora mesma em que os Egypcios, após o brilhante Novo Imperio, descem para o occaso, emquanto o multisecular Imperio de Assur perdura em seu apogeu.

A civilisação, mostrou-o bem **Flinders Petrie**, segue uma evolução regular, em cada nucleo humano, quasi que fatal, — e independente do ponto evolutivo em que se encontram os nucleos humanos da visinhança — qual uma creança vivendo n'um circulo de gente edosa, permanece creança, ainda que imitando gestos, tons e expressões de velhos: — *A hereditariedade é mais possante do que o meio.*

A esculptura é a manifestação precoce de uma civilisação surgindo da barbaria, e bem que alguns estadios da evolução normal possam faltar, se não manifestando por avêssos ao genio da raça considerada, — successivamente apparecem e florescem a pintura, a litteratura, a mechanica, a sciencia. O espirito pragmatico, economico, domina por fim as virtudes expansivas e creadoras, — a riqueza impera : é a vespera do declinio, a manhã da volta á barbaria natal, fechando o cyclo da evolução.

O Poder segue a mesma jornada : autocracia, oligarchia, e democracia. Quando esta ultima attinge o seu ideal de collectivismo social e de responsabilidade anonyma, a maioria delapida o capital accumulado pelas precedentes gerações; o consumo, o gôzo é maior então do que a producção, e a civilisação deste nucleo estiola-se, murcha, até desapparecer pela conquista.

Esta é a licção que nos aponta o Professor **W. M. Flinders Petrie**, fornecendo exemplos tirados da historia e da archeologia.

* * *

Para esclarecer a passagem dos tempos paleolithicos — que pertencem á prehistoria, — aos tempos historicos, é util cotejar as correspondencias entre as grandes épocas acceitas pelos geologos e os periodos archeologicos estabelecidos na Europa e no Egypto.

	(*Penk*)	EUROPA		EGYPTO (*Schweinfurth*)	
Quaternario inferior.	2º Periodo glaciario = MINDELIANO.			Clima chuvoso no valle do Nilo. Industria reuteliana.	
	2º » interglaciario			Clima mais secco. Industria reutelo — mesviniana.	
Quaternario médio.	3º Periodo glaciario = RISSIANO			Formação dos estratos de Qarna.	
	3º » interglaciario — PALEOLITHICO INFERIOR.	**Chelleano**	*Mauer*. *Néanderthal*. *Krapina*.	Clima actual	Paleolithico egypcio.
		Acheuleano	— *Grimaldi*		
	4º » glaciario = WURMIANO. — PALEOLITHICO SUPERIOR.	**Musteriano**			
		Aurignacio	*Cro Magnon*. → Epoca capciana da Africa Septentrional	Epoca de Negadah.	*Estações de Heluan*.
		Solutreano	— *Brassempouy*.		
		Magdaleniano	— Epoca da renna		
		Aziliano	←		Egyptos dynasticos.
		Tardenoziano.	←		MENA (4750).
Quaternario superior.	EPOCA NEOLITHICA.				*Seq. Dat.* = 80 (*Petrie*.)
	EPOCA ENEOLITHICA.	*Palaffiti sub alpinos*. *Fundi di capanne*.			
	EPOCA DAS ARMAS DE BRONZE.				
	EPOCA DAS ARMAS DE FERRO.	*Halstatt 900 — 500*. *Marnien 500 — 250*. *La Tena 250 — 50 ant. Chr*.			

A Historia do Egypto, a mais longa da humanidade, pode se resumir a grandes traços. Dos diversos systemas de chronologia propostos para o seu estudo, o mais acceitavel é o do Professor H. Brugsch, que acompanhamos de mais perto possivel. O Professor Flinders Petrie, baseando-se sobre a evolução das formas ceramicas encontradas nos tumulos prehistoricos egypcios, propoz um modo engenhoso para estudar a época predynastica, dividindo-a em fragmentos de 60 annos, chamados *Sequence dates*, cada divisão correspondendo a uma modificação notavel da industria ceramica.

O rei Mena (*Ménés dos Gregos*) pertence, assim, á « sequence date » 79, e viveu cerca de 4750 antes de nossa éra.

CHRONOLOGIA EGYPCIA

E

parallelo synchronico com os annaes dos povos antigos

Sequence dates de Fl. Petrie: Começam á data 30. **Edade de Negadah:** estende-se da data 30 (7690) á data 80 (4690).

Data 40 — Immigração dos **Hor-Shasu** (*Egypcios dynasticos* (*7090*). A esphinge de Gizeh.

Data 79 — **Mena** (cerca de 4750).

PERIODO ARCHAICO

Dynastia O — *(Petrie)* **Hierakonpolis**: Narmer; o rei Escorpião.

Datas 80 a 90 IMPERIO THINITO (*Iª e IIª dynastias*)
Creta: *Minoano antigo I.*
Chaldéa: Reis de Sumer e Akkad. Cidades de Ur, Erida, Agade. Sargon I (3800). Gudéa.

ANTIGO REINO, Memphito *(IIIª a XIª dynastias)*

Data 100 — (3490).

IVª Dyn. — Khufu (*Cheops*). — As pyramides.
Creta: *Minoano antigo II.*

Vª Dyn. — Unas (3340).

VIª Dyn. — Pepi I.

PERIODO INCERTO

VIIª a Xª Dynastias.

MÉDIO REINO, Thebano *(XIª a XVª dyn.)*

XIª Dyn. — 2600. Os Antef. os Menthu-hetep.

XIIª Dyn. — Os Amen-m-hat e User-tesen.
Reis da 1ª Babylonia: Hammurabi (2292)..
Invasão dos Elamitas na Chaldéa (cerca de 2285) (*Abrahão emigra de Ur para Kanaan*).
Creta: *Minoano médio II.* Primeiros palacios de Knossos e de Phaestos.
Troada: Destruição de Hissarlik II. (2225).

PERIODO INCERTO

XIIIª e XIVª Dyn.— Os **Hik-Shasu** (*Hyksôs*) penetram no Egypto.

XVIª Dyn.— Apepa II. Os Hebreus se estabelecem no Egypto. (*Tradições de Jakob e Josaph*).
Mesopotamia: Surge o reino de Assur.
Creta: *Minoano médio III.* Segundos palacios de Knossos e de Phaestos.

NOVO IMPERIO, Thebano *(XVIIIª a XXVIª dyn.)*

XVIIIª Dyn.— 1600. Ahmes I expulsa os Hik-Shasu. Os Thutmes — a Rainha Hat-Shep-Suitu — Os Amen-hotep. (1525). 1483 — A Revolução religiosa de Amen-hotep IV. a Rainha Tii — O culto de Atén.
Correspondencia de Tell-El-Amarna.
Creta: *Minoano recente* II. Ruinas de Thera. (*Santorin*).
Mesopotamia: Reis cosseus. Kurigalzu (1432).
Assyria: Assuruballit 1464-1431.

XIXª Dyn.— 1370. Seti I e os Khetas (*Hittitos*) Ramses II (*o Sesostris dos Gregos*), Seti II.
Creta: *Minoano recente III* (*Myceniano* 1350 .
Assyria: Tugulti ninib proclama-se tambem rei da Babylonia. Sua morte (1290).
Phenicia: Fundação de Kambé, cerca de 1250. Os Phenicios percorrem o Mediterraneo até as columnas de Mel Kart (*Gibraltar.*)

Os Hebreus residem no Egypto até ao fim da XIX^a dyn., quando sahem : o **Exodo.**

XX^a Dyn.— 1200. Ramses III e a confederação dos **Povos do mar** — os Ramessides.

Grecia : 1193-1184 — **Guerra de Troia** (*Hissarlik VI*) — 1104. A **Invasão dos Dorios** — *Edade media hellenica.*

Assyria : Tiglatphalassar (1130).

Phenicia : Cerca de 1100 : — Supremacia de Tyro. Fundação de Utica, de Gadés (*Hespanha*), de Karthago.

Hebreus : Os Juizes — Lutas contra os Philisteus. Samsão.

A ANARCHIA (*ou época dos Lybios*)

XXI^a Dyn.—1050. Paseb Khanu I e II.

Hebreus : os Reis— David (1012). Fundação de Jerusalém. Salomão e Hiram, rei de Tyro.

Italia : X° Sec. — Civilisação proto-etrusca (*Benacci* I).

XXII^a Dyn. — 950. Sheshankh — Osorkhon — Os reis sacerdotes repellidos para Napata (*Ethiopia*).

O FEODALISMO

Hebreus : O Scisma das 10 tribus (929).

Assyria : Assurnazirabaal III° (885-860) Salmanazar II° (854).

Israel : Omri, Akhab e Iezabaal.

Juda : Josaphat, Joram e Athalia.

Grecia : Em Sparta :**Lycurgo** (800) **Olympiadas** de Coraebus (776). A primeira guerra de Messenia 743-723).

Roma : Fundação de Roma (753). Os Reis. Na Sicilia : fundação de Syracusa (734.)

Assyria: Tiglat-phal-assur III° (734).

XXIV^a Dyn. — 733. Bakenrenf (*Bocchoris dos Gregos*).

Assyria : Apogeu do Imperio, Sharukin (*Sargão II°*), edificador do palacio de Khorsabad— Tomada de Samaria.

XXV^a Dyn. — 700. (*Ethiopica*) : Piankh — Shabaka — Taharqa.

Asia menor : Cerca de 700, **Homero.**

Media : Cerca de 710, Deiokís. Fundação de Ecbatana.

Babylonia : Sennakherib. Saque de Babylonia (689).

Assyria : Assurbenibaal em Ninive.

Lydia : Gyges I° (687). **Cunhagem da Moeda.**

Grecia : 685-668 — Segunda guerra de Messenia.

ÉPOCA SAÏTA

XXVIª Dyn. — 666 Psemtek (*Psammeticos*) Os Gregos se estabelecem no Delta. Naucratis (670) Fundação de Cyrena (648).

Assyria: Cyaxaro, o Medo devasta a Assyria. Saque de Ninive (608).

— Nekao II (612). **Viagem de circumnavegação da Africa.**

Iuda: Jeremias. Nabukhodorassur transporta a população judaica para Babylonia (597). Arrazamento de Jerusalém (586). O captiveiro. Ezekhiel.

Grecia: **Solon** em Athenas (595).

— Uah-ab-Rê (*Apries*) (592). Psemtek II (572).

Carthago: Hannon e o **Periplo occidental da Africa.**

Persas: Os Persas dominam a Media — Tomada de Ecbatana (549). Tomada de Babylonia (538). Kambyses IIº. Rendição de Memphis (525).

Grecia: 561-510 — Pisistrato e os Pisistratides.

A DOMINAÇÃO PERSICA *(525-332)*

XXVIIª Dyn. — 525. Kambyses. Dario I. (521). Xerxes (486).

O Egypto Satrapia

Palestina: Reedificação do tempo de Jerusalém (513).

India: Cerca de 520 — Nascimento de **Çakya-Muni**, o fundador do Buddhismo.

Roma: A Republica (510): — Populus (*os nobres*), Plebs (*a plebe*) (493-302). Lutas entre os nobres e a plebe para a egualdade politica, social e religiosa — O Tribunato— **Lei das 12 taboas.** Tribunato militar — Consulato — Censura — Pretoria — Os Sacerdocios.

Grecia: Clisthene (508). A primeira guerra medica (492-485), Marathon. Segunda guerra medica (485-471), Salamina. Plateas e Mycale 479. — (471-449). Terceira guerra medica.

— Artaxerxes II (486). Viagem de **Herodoto** ao Egypto (448).

Grecia: — **O seculo de Pericles, Phidias** — Cimon no Eurymedon (466). Segunda guerra de Messenia (464-455). Guerra do Peloponneso (431-404).

— Dario Nothos (424).

Grecia: Paz de Nicias (421). Alcibiades. Batalha dos Arginusos (406) Aegos Potamos (405). A tyrannia dos Trinta. (404-399). **Socrates. Platão** (401-400). Expedição dos Dez-mil.

XXX.ª Dyn. — 378. Nekht-heru-hebt I (*Nectanebo dos Gregos*) e Nekht-neb-i (*Nectanebo II*) (358).

Palestina: Nehemias (385). Esdras.

Grecia e Macedonia: Mantinêa (362). **Praxiteles e Scopas.** Philippe de Macedonia (359-336). **Aristoteles. Alexandre, o Grande** (336-323).

— Dario III, Codoman.

Roma: (405-272) — As lutas para a conquista da Italia: Guerras contra os Sabinos, Latinos, Volsques, Etruscos, Samnitos, e os Gregos de Pyrrho em Tarenta.

O EGYPTO SOB O DOMINIO PTOLEMAICO *(332-30)*

Alexandre submette o Egypto (332). Fundação de Alexandria (331).

304-286 — **Ptolemeu I** (*Soter*), filho de Lago, chefe da Dynastia dos **Lagides** — 301 Batalha de Ipsus.

Syria 301: Seleucus funda a dynastia dos Seleucides. Fundação de Antiochea.

286-246 — **Ptolemeu II** (*Philadelpho*) Bibliotheca de Alexandria. Traducção da Biblia pelos **Septante. Manetho.**

Parthia: Arsaces I° funda nesta provincia dos Seleucides a dynastia dos **Arsacides** (250-248). Arsaces II, Tiridates (248-214).

Grecia: Invasão dos Gaulezes 280.— Pyrrho morre em 272.

India: Epoca do rei Açoka (277-223).

Roma: As lutas para a **conquista do Mar Mediterraneo.** 264-241 — Primeira guerra punica.

Asia menor: Eumene 1° funda Pergama.

221-205 — **Ptolemeu IV** (*Philopator*).

Roma (219-202): Segunda guerra punica — Hannibaal, Scipio. Batalha de Trazimeno (217). Cannes (216). Archimedes em Syracusa (212).

205-181 — **Ptolemeu V** (*Epiphanio*).

Roma: A **conquista do Oriente.** Guerra contra a Macedonia (200.) — Antiocho, o grande, ameaça o Egypto — intervenção dos Romanos (199). Batalha de Cynocephales (197). Guerra contra o Imperio dos Seleucides. Batalha de Magnesia (190).

173-117 — **Ptolemeu VII** (*Philometor*) — **Ptolemeu VIII e IX.**

Roma, 172-142 : Segunda guerra contra a Macedonia — Perseus e Paulo Emilio. Batalha de Pydna (168). Tomada de Corintho (164). 149-146 — Terceira guerra punica. **Incendio e ruina de Carthago** (146). 195-133 — **Conquista do Occidente** : Viriato (149). Tomada de Numancia (133). Os Graccho (133).

117-87 — **Ptolemeu X.**

Roma, 118-106: Guerra contra Jugurtha, rei dos Numidos. 110-102 — Guerra dos Teutos e dos Cimbres. 102-86 — Mario e Sylla.

87-51 — **Ptolemeu XI** (*Auleta*) — **Ptolemeu XII e Ptolemeu XIII. Roma** : Pompeu. (65-63). **Conquista da Asia** (*Ponto, Cilicia, Syria, Phenicia*) — Mithridato. O Primeiro Triumvirato : Pompeu, Crasso, Cæsar.— a **Concentração do poder.** 58-51 — A **Conquista das Gallias.**
Parthos : Arsaces XIV. Orodes (56-37).

51-48 — **Ptolemeu XIV** — Sua irmã, a celebre Cleopatra.

Roma : Cæsar e Pompeu. Batalha de Pharsala (48).

48-45 — **Ptolemeu XV.**

45 — **Ptolemeu XVI.** (*Cæsarion*).

Roma : Cæsar dictador perpetuo (45) — Morre assassinado (44) — O Segundo Triumvirato (43) — A resistencia dos republicanos. Batalhas de Philippes (42) — Antonio e Cleopatra no Egypto — "*A vida inimitavel*" (31). Octavio. Batalha de Actium. Suicidio de Cleopatra.

O EGYPTO PROVINCIA ROMANA

Roma : o IMPERIO.
31 — Augusto.

Éra Christã

17-37 — Tiberio.
37-41 — Caligula.
41-54 — Claudio.
54-68 — Nero.

A PRIMEIRA ANARCHIA

68-69 — Galba. Othon. Vitellio.
69-79 — Os Flavios. Vespasiano.
79-81 — Tito.
81-96 — Domiciano.

O SECULO DOS ANTONINOS

96- 98 — Nerva.
98-117 — Trajano.
117-138 — Hadriano.
138-161 — Antonino, o Pio.
161-180 — Marco Aurelio.
180-192 — Commodo.

A ANARCHIA DO III° SECULO

EGYPTO

François **Champollion**, dito *le Jeune* (1791-1831), nascido em Figeac, departamento do Lot (*França*), tornou-se immortal pela traducção dos hieroglyphos egypcios, dos quaes elle foi o primeiro que reconstituiu a grammatica.

A notabilidade mundial deste sabio, que assim creou a Egyptologia, justifica o nome dado á Sala do Museu que contém peças archeologicas provindas mormente do Egypto.

* * *

Grande parte da collecção egypcia do Museu Nacional,— entre outras peças, cinco mumias com seus caixões anthropomorphos, foi comprada em hasta publica por S. M. o Imperador D. Pedro I ao italiano Fiengo, que improficuamente tinha levado para a Argentina tão preciosas antiguidades (1824). Foi no mesmo anno em que Champollion, pelo seu *Précis du Système hieroglyphique* estabeleceu os principios firmes que serviram á interpretação dos textos e ao conhecimento exacto dos monumentos egypcios. Esta data por si só já seria uma garantia de authenticidade, se não falassem mais claramente ainda as proprias inscripções pintadas nos objectos.

Diversas outras peças são donativos feitos ao Imperador D. Pedro II — entre ellas um caixão da época saïta, que lhe foi offerecido pelo Khedive do Egypto, Ismail, em 1876.

I

O Egypto, ou **Paiz de Khem**, era dividido em duas regiões: O Sul, ou Egypto Superior, symbolisado pelo loto, o Egypto do Norte, ou Baixo Egypto, symbolisado pelo papyro. Eis porque o Pharaoh se chamava **Senhor das duas terras**.

Uma primeira população branca, de origem lybica, em relações com a civilisação mediterranea, occupava a região Norte e occidental do Egypto desde os tempos paleolíthicos.

Mescladas com ella, e provavelmente repellidas para regiões limitrophes, umas tribus negroïdes — que não eram sem analogias com as do typo de **Grimaldi**, residiam tambem no paiz. Pouco a pouco cederam o passo, descendo para o Sul, perante a extensão da raça branca.

Uma invasão, de proveniencia oriental indeterminada, veiu na aurora dos tempos predynasticos, sob forma de vagas successivas, disputar o terreno aos anteriores donos. Os **Anu**, fundadores das cidades de **An** do Norte (*Heliopolis*) e de **An** do Sul (*Hermonthis*), seriam os primeiros d'esses invasores. A segunda vaga seria formada pelos **Horianos** (*Hor-Shesu*); com elles começam os tempos dynasticos.

* * *

Da época predynastica, dita tambem **Epoca de Negadah**, o Museu possue uma pequena collecção de silex lascados, offerta do Sr. *Heywood W. Seton Karr*, que contribuiu, pelas suas descobertas, para elucidar a fabricação tão extraordinaria dos anneis egypcios predynasticos (pulseiras, etc.), feitos de um só fragmento de silex.

Os exemplares expostos foram achados na região do **Fayûm**, nas immediações do celebre **lago Moeris** de **Herodoto.**

Ns. **2130 a 2132** — typo **Chelleano.**
Ns. **2135 a 2142** — typo **Musteriano.**
Ns. **2143 a 2159** — typo **Solutreano.**
Ns. **2133 a 2134** — typo **Magdaleniano.**

Os mais interessantes são os de typo solutreano, pela delicadeza do trabalho, e mormente porque são testemunhas da larga expansão d'este typo de industria, desde o Oriente em geral (*Syria, Asia menor, Egypto*) até aos paizes europeus. Já n'esta época havia intercambio entre os paizes extremos do **Mar interior** (*Mediterraneo*).

* * *

Ao falar do Egypto o espirito evoca logo as lembranças da embalsamação e da multiplicidade dos deuses.

Quanto á multiplicidade dos deuses, força é reconhecer que a um exame menos superficial este polytheismo é mais apparente do que real. No Egypto, como em qualquer outro paiz de longa duração historica, épocas successivas devem ser consideradas, no decurso de cada uma das quaes a classe dominante impõe a forma pessoal de sua religiosidade. Na origem do povo é a imaginação, a sensibilidade animista, sob o aspecto fetichista, commum na infancia dos povos; é um polydemonismo resultante do agrupamento de tribus diversas: ha intercambio de *daimones* e de idéas, com a natural tendencia á hierarchisação d'estes *genios*. Pouco a pouco, em centros determinados, espiritos mais reflectidos elaboram religiões mais philosophicas, e emquanto no correr dos seculos as classes superiores acceitam cosmogonias que se vão aperfeiçoando e crenças mais elevadas, estas conservam feições estreitamente supersticiosas no elemento popular; assim é que d'um extremo ao outro do mesmo paiz, e n'um mesmo tempo, todos os matizes se encontram, dando a impressão de um abstruso polytheismo. As crenças provincianas, por sua vez, teem um cunho local que as distingue nitidamente.

* * *

Sem poder fixar qual foi a forma primitiva da religiosidade na raça egypcia, antes que a theologia tenha organisado um corpo de doutrinas, reconhecemos entretanto a existencia de crenças referentes a divindades escuras, vagas, desde os tempos mais remotos. Um **Deus Ceu** e os espiritos dos **pontos cardeaes** apparecem entre as primeiras manifestações escriptas das idéas cosmogonicas.

Quando a imaginação religiosa tentou explicar o mundo terrestre como uma representação, um **duplo**, do mundo divino, celestial, e considerou os phenomenos astronomicos como a vida real das divindades, — já, sem duvida, o pensamento egypcio tinha formulado a concepção zoolatra, — e a tendencia organisadora, hierarchisante dos collegios sacerdotaes foi revestir o deus-astro dos attributos animaes, como si a

forma animal fosse apenas o symbolo perceptivel da manifestação superior, uma incarnação.

A presciencia do instincto animal, sempre mysterioso para o homem, foi, cremos, a origem da zoolatria, e quando aquella mesma sabedoria foi descoberta na marcha regular dos astros o homem, que tinha divinisado o mysterio do animal, passou além, e attribuiu ao astro o poder excepcional que tinha reconhecido no primeiro. O astro, porém, era inattingivel, ainda mais imponente e inexplicavel; d'ahi a supremacia e o poder deste sobre aquelle.

Pareceria logico que o animal fosse desde logo destituido do prestigio anterior, porém é um phenomeno particular a estas mentalidades primitivas que assim não aconteça, e que o astro seja considerado como um **duplo** da forma animal; d'ahi participarem ambos da substancia divina.

O culto parallelo do astro e do animal, — faces diversas d'uma só entidade, — particular ao Egypto — manteve solidamente, para aquelles que não alcançavam tão subtil metaphysica, as praticas e os ritos consagrados á forma palpavel, animal, do deus, — e os eternisou no culto nacional.

* * *

Os mythos cosmogonicos que explicam as relações dos deuses entre si, e suas acções sobre o mundo, são já obras posteriores dos collegios sacerdotaes. Um dos mais antigos foi elaborado pelo collegio de **Heliopolis** (*On do Norte*). O Mundo *em potencial* — o **Tûm**, — surgiu do abysmo inicial, do **Nûn** (*massa liquida*), e creou, pela força do **Verbo**, o Mundo *em acto*: — os quatró elementos, **Shû** (*a atmosphera*), **Tafnut** (*o Fogo*), **Seb** (*a Terra*), **Nût** (*o Ceu*); — e depois a Vida: **Osiris e Isis** (*o primeiro homem* e *a primeira mulher*), **Set e Nephthys** (*o mundo animal*).

Foi assim formada uma *enneade* ou **Paût**, typo das diversas agremiações divinas congeneres que se encontram na mythologia egypcia.

A enneade representa portanto um degrau da marcha para a reducção synthetica dos deuses, para a **Triade**, onde aquelles "*theosophistas*" primitivos reconheceram um principio divino, o **Tûm**; um principio elementar ou material, o **Mundo**; um principio animado ou espiritual, a **Vida**. Progresso lento do espirito humano em busca da Unidade e do **Absoluto** — o qual conheceram tambem os Egypcios tão perfeitamente como os Hebreus, e anteriormente a estes.

As principaes triades são:

Ptah, Sekhet, Nefertum, ns. **51, 88, 116** (*Memphis*).

Osiris, Isis, Horus, n. **1** (*Egypto ptolemaico e romano*).

Amen, Maut, n. **39**, **Khonsu** (*Thebas*).

Um outro conceito philosophico-religioso, elaborado pelo pensamento egypcio, é o do **dualismo**. Elle resulta da interpretação dos phenomenos naturaes (eclipses, sol e chuva, etc.) e do sentimento da luta perpetua á qual assiste o homem tanto no Mundo exterior como nos proprios movimentos da consciencia, descobrindo no

Mundo uma ordem fatal, uma verdade, **Maat** e a rebellião (audacia e curiosidade, obscuro instincto da vida) contra este mesmo imperativo superior.

Este dualismo apparece cedo na religião do Egypto, onde elle se personifica em **Ra** e **Apap**, mais tarde **Osiris** e **Seth**, ou **Typhão**. Nunca, porém, encontramos ahi na theologia, o triumpho definitivo do Bem, do Ser-Bom. O pensamento egypcio, mais parente dos nossos racionalistas modernos, considera os triumphos do **Osiris** como provisorios, — **Seth** renasce sempre, e a eternidade é feita de **Khopirru** (*resurgimentos*).

A evolução religiosa, que indicamos ligeiramente, não progrediu contemporaneamente com a mesma rapidez em todas as regiões do Egypto. Cada nucleo, devido a suas condições especiaes, caracter ethnico da tribu, meio, etc., apresentou conceitos cosmogonicos pessoaes, e fez do deus local o chefe do Universo, creando assim os mythos regionaes.

O dominio supremo de uma das capitaes durante um certo periodo alarga, em paizes taes como o Egypto, o culto do deus d'aquelle centro, e augmenta o numero dos seus fieis. Assim é que devem ser ligados os deuses celebres da Historia do Egypto aos centros onde primeiro elles foram reverenciados e d'onde irradiaram graças á preponderancia d'aquellas capitaes.

* * *

HER (*Horus*).

Lembra a **Ker** dos Gregos; — o *Destino*; foi na origem um deus regional na terra e no ceu, um deus de comarca : **Her-m-Khu** (*Harmakhis*)-é o cantão do horizonte terrestre, antes de ser o deus solar da mesma região. E' um deus predynastico, anterior a **Mena**, e que já sustenta, como o fará **Osiris** mais tarde, a luta contra **Set** (*Apap*). n. **9**.

Elle residia em **Khmun**, em **Dobu** (*Edfu*), onde **Rã**, succedendo-lhe, revestiu-se de seus attributos.

* * *

RÃ.

Deus de **An** do Norte; foi durante a quinta dynastia que o seu culto dominou no Egypto. Seu nome está ligado com o radical « *ar, eiri* » (fazer — acção, acto), e se encontra na formação do nome de **As-ar** (*Osiris*). No Imperio thebano, muito mais tarde, o deus **Amen** associou ao seu o nome de **Rã**.

E' um deus solar que continúa a luta contra **Set**, — o deserto, o deus do mal, — pela inundação annual.

* * *

AS-AR (*Osiris*).

Residia em **Dedu** (*Busiris* dos Gregos), antes de se fixar em **Abydos**, onde encontrou o deus funerario **Khent-ament**, o deus do Occidente, cujo nome elle ligou ao seu proprio e do qual tomou as funcções. ns. **31**, **40**, **82**.

N. **36**. **Osiris** sentado, vestido da *schenti*. Inscripção: *Isis, a divina, para que dê a vida ao duplo. . .* » .

De todas as lendas egypcias, a de **Osiris** é a mais conhecida, e talvez a mais interessante, por ter ella servido de vehiculo ao pensamento egypcio no seu longo curso, evoluindo desde o cumprimento dos deveres para com os deuses, até ao conceito do Bem em si e da Moral.

Osiris foi um deus dos mortos — Quanto a seu mytho anterior, é provavel que tenha tido tambem uma significação cosmogonica, pois elle se encontra nestas épocas remotissimas symbolisado na forma de um pilar, chamado o **Tat**, o mesmo que encontrámos entre as mãos de **Ptah**, e que se lê *estabilidade* — **Tat** (*Dedu*) é tambem o nome da propria cidade de **Busiris**. **Mendes**, uma de suas residencias, chamava-se **Pa-Ba-neb-Tat**, isto é, *Casa da alma do Senhor de Tat.*

Que será o **Tat**? Alguns veem nelle quatro pilares em perspectiva, allusão ao conceito dos quatro pontos cardeaes, deuses primitivos, sustentaculos do Ceu e membros da deusa **Nout**. A imagem unica, porém, o pilar, reduziu á unidade a idéa primitiva, ou synthetisou uma idéa que já se tinha reduzido á unidade, e leu-se *estabilidade*.

O mytho de **Osiris** foi primitivamente independente das duas figuras de **Isis** e de **Horus**, que só mais tarde lhe foram accessoriamente ajuntadas. Devemos lembrar que ao nascer, na primitiva *enneade*, **Osiris** representava apenas *o primeiro homem*, como **Isis** *a primeira mulher*. Elle é o Deus cujo destino mais se assemelha á vida humana.

Parece que seu culto começou á gozar de uma certa importancia no tempo do Rei **Semti**, da primeira dynastia, um dos successores do Rei **Mena**.

Osiris, como deus dos mortos, era sobretudo o deus d'uma esperança fortemente enraizada na alma egypcia — a da *Resurreição* e da *Vida Eterna*, e foi a fé robusta neste anhelo que esta lenda consubstanciou.

Não podemos aqui discutir o modo de formação do mytho Osiriano, mostrar como ao redor d'um nucleo primitivo agruparam-se lendas novas, de proveniencia e épocas diversas, constituindo um conjuncto composito. Os traços geraes do mytho são os seguintes :

Osiris : O Sêr bom — (*Oun-nefer*), era filho de **Sev-Gabou**, a Terra, e de **Nouit**, a Vacca Ceu. Elle tinha um irmão, **Set** (*Typhão*) — e os dois irmãos casaram-se com as proprias irmãs, **Isis** e **Nephthys**. **Osiris** foi rei do Egypto meridional, e fez muito bem ao seu povo, ensinando-lhe a agricultura, e creando leis optimas. **Set**, porém, invejoso do irmão, e desejando apoderar-se do throno, matou-o por traição, e depositando o cadaver n'um bahú, abandonou-o á correnteza do Nilo. O rio levou o cofre funerario até aos pantanos do Delta, no meio dos papyros, onde uma acacia o recebeu e cobriu com seus ramos, escondendo-o. **Isis**, depois de muito procurar, descobriu o corpo do marido ; mas durante uma ausencia da viuva, emquanto ella ia suscitar a vingança no espirito de seu filho **Horus**, contra **Set**,— este, achando o cadaver abandonado, numa noite de caçada, despedaçou-o em 14 partes e as semeou atravez do paiz. Quando **Isis** voltou com **Horus** e os filhos

deste, conseguiram, com artes magicas, encantações, ensinadas por **Thoth**, **Anubis**, reunir os membros esparsos de **Osiris**, e reanimal-os, levantando o rei de entre os mortos, e estabelecendo-o Senhor da **Amenti**, o mundo inferior.

Osiris urgiu então seu filho **Horus** á castigar **Set**, o que deu logar á celebre luta entre os dois deuses: *Khata-neter*, que, segundo varios egyptologos, symbolisa a victoria dos **Horios**, contra os **Anu** (*Budge*). **Horus** não matou **Set**, emasculou-o sómente, querendo impedir deste modo o mal de reproduzir-se.

Eis, em resumo, a lenda de **Osiris** e de **Set**. Já pelo exposto é facil comprehender como tal thema se prestava a commentarios, ora literaes, ora allegoricos; foi o que aconteceu.

Osiris ficou o deus por excellencia da Morte e da Resurreição.

Geralmente elle é representado no feitio de uma mumia, a cabeça coberta com a corôa branca do alto Egypto, com duas pennas de avestruz, tendo nas mãos o gancho e o açoite.

A associação de **Ptah** com **Osiris** e **Seker** em **Memphis** numa *triade* deu logar á creação d'uma nova entidade religiosa **Ptah-Sokar-Osiris**, ou **Sokaris**.

Depois da conquista grega os deuses **Osiris** e **Hapi** se fundiram n'um só nume, **Serapis**, o deus do **Hadés** (*infernos gregos*), cujo culto foi instituido por **Ptolemeu I** (*Soter*).

Osiris era chamado, ás vezes, o *deus sobre o degrau*. Este qualificativo lhe veiu sem duvida por ter assumido uma attitude do deus **Ptah**, em pé sobre o symbolo de **Maat**, a *Verdade*, a *Ordem*, a *Justiça*.

* * *

AST (*Isis*).

Era irmã e mulher de **Osiris**, e pela sua magia soube operar a resurreição do deus. Seu culto, apagado nos tempos pharaonicos, tornou-se popular na *época Saïta*. Introduzido em **Roma** e nas **Gallias** no fim dos tempos *ptolemaicos*, o mysticismo egypcio, requintado então pelos *Gregos platonicianos* no mytho de **Isis**, floresceu com vida nova no Occidente, na hora mesma em que o **Christianismo** começava a se propagar.

N. **30**. **Isis** amammentando **Horus**.

N. **46**. **Isis** greco-romana. (*Inscripção intraduzivel*).

* * *

PTAH.

O deus eponymo da primitiva **Memphis** (*Ha-ka-Ptah*). Seu culto era ligado ás industrias metallurgicas, era o deus da classe dos ferreiros; é, assim, proximo parente dos deuses do fogo (raio ou vulcão): **Hephaistos** e o proprio **Zeus** dos Gregos, **Jupiter** dos Romanos, **Iahveh** do **Sinaï**.

* * *

HAPI (*Apis*).

O culto do touro passa por ter sido estabelecido no Egypto ao tempo de **Mena**. Tomou, porém, um desenvolvimento progressivo nos ultimos tempos do Egypto, na *época Ptolemaica*, onde foi assimilado ao culto do **Hades** grego, pela união de **Hapi** com **Osiris** (*Asar-Hapi*), donde os Gregos fizeram **Serapis**. A communidade de cultos do touro em Creta, na Babylonia etc., explica o credito que encontrou entre os Gregos, quando elles acharam no Egypto a mesma divindade, com um rito multisecular, já regularisado. Os Hebreus antes delles foram tambem seduzidos por este culto, que quizeram levar á **Kanaan**.

Ns. **44**, **45**, **54** (*Epoca Ptolemaica*).

A raiz desta palavra significa *andar* e *abrir*; ella designa dois deuses, o touro **Hapi** e o rio **Nilo**.

Hapi: era chamado a *segunda vida de* **Ptah**. **Ptah**, como constructor, abre a terra para estabelecer os alicerces do edificio; **Hapi** abre tambem a terra para lançar a semente das messes futuras; — andando, elle revolve o sólo para enterrar o grão que germinará.

Hapi, o *Nilo*, representava para este povo as aguas primitivas na sua manifestação terrestre: aquelle era para o paiz a fonte da vida, como no Ceu, estas foram o **Nu**, abysmo de onde surgiram os deuses.

O seu nome, como dissemos acima, significa *aquelle que anda*. Elle era representado como um homem andando, de peito feminino, symbolo da uberdade, a cabeça ornada de papyros, com o olho de **Horus** (*utchat*), para lembrar que suas aguas eram uma emanação das aguas superiores, das lagrimas de **Horus**. O Deus **Hapi** frequentemente leva nas mãos offertas de fructas, flores, vinho, pão, etc., productos todos provenientes da fecundidade da terra que suas aguas annualmente regam.

* * *

No tempo da XII^a dynastia já se manifestava o scepticismo, um scepticismo de algum modo epicureano, que é o prototypo daquelle do **Ecclesiastes**.

As sociedades, entretanto, se renovam, — o scepticismo não póde constituir doutrina de estado — os elementos de outros centros, de outras raças mesmo, penetram e se mesclam ao fundo da religiosidade nacional, provocando a fluctuação dos mythos.

* * *

AMEN (*Amon*).

Amen domina na XVIII^a dynastia, e de lá quasi até ao fim da Historia do Egypto — Ns. **1065**, **72**, **74**.

Sua residencia era em **Thebas**, e foi com o Imperio Thebano que elle chegou ao apogeu. Seu nome significa o mysterioso e com **Maut**, sua esposa, e **Khonsu**, seu filho, forma a *triade thebana*.

O ganso (o animal do **Priapo**, dos Romanos) era um dos animaes consagrados ao deus **Amon**. No *Livro dos mortos* elle tem o nome de **Smen**, que póde, talvez, ser lido *filho de Amen*. **Amon**, pois, teria tido uma forma animal de adoração anterior á personificação astrolatrica, mais tardia.

O carneiro é uma outra incarnação de **Amon**, e esta assás o approxima do deus **Knum**, com o qual tem estreitas relações na lenda da origem do Mundo.

Amon está representado, ás vezes, na fórma ithyphallica; elle leva então o braço direito á altura da cabeça, a mão aberta mantendo um latego. Este gesto, tanto como o proprio nome, faz delle um *doublet* de outra divindade, o deus **Min** de **Koptos** (N. **41**), cuja origem recua até á prehistoria e que é anterior ao proprio **Horus**. Tanto um como outro teem um pennacho feito de duas pennas de avestruz.

Amon é vestido geralmente da *schenti* (saia curta), com a cabeça coberta com a corôa vermelha do baixo Egypto.

Já no tempo dos pharaós memphitos, á triade de **Amon** reinava em **Thebas** e tinha assumido um caracter solar.

Ora, dos deuses que o tinham precedido nesta cidade, era **Rã**, deus solar, que nesta qualidade gozava de maior culto. **Amon** tornando-se preeminente por sua vez, usou de um processo frequente na theologia de então, e do qual **Osiris** já se tinha aproveitado: agglutinou o nome deste deus ao proprio e foi chamado **Amen-Rã**.

N. **37**. **Amen-Rã**, sentado — Inscripção: *Amen eternamente, Senhor de vida, para ir* SU-RA (*XIXª Dyn.*)

E' isto uma prova de que, apesar do lustre de cada divindade regional, os espiritos estavam preparados para acceitar a fusão, a unidade essencial dos aspectos que os numes-chefes representavam nos diversos districtos **Amen** era a estabilidade, a substancia suprema, **Ra** (*ar*) era o acto — a substancia em realisação.

Thebas não era mais do que uma simples cidade provinciana. Entretanto convem reparar que o culto do seu deus local era bastante importante, pois que soberanos dos dois Egyptos, como os **Amenenhat** da XIIª dynastia, não desdenhavam seu nume.

Quando, na XVIIIª dynastia, as victorias asseguraram á cidade de **Thebas** a supremacia sobre a nação inteira, **Amon** dominou todo o pantheon egypcio.

Amon-Rã, tem, na historia espiritual do Egypto, um papel muito proeminente, por ser elle quem deu precisamente a formula mais clara, mais completa, e ao mesmo tempo a mais antiga na historia das religiões, da unidade divina — do **Monotheismo**.

Depois de uma breve revolução religiosa, de que falaremos adiante — (a heresia dos **Amenhotep III e IV** em favor de **Aten**) — **Harmhabi** restaurou o culto de **Amon**, e sua supremacia foi inconteste durante os Ramessides, isto é, durante a XXIª dynastia.

E' nesta época que podemos reconhecer o authentico monotheismo na concepção religiosa dos Summos-Sacerdotes de **Amon**.

« De toda eternidade o Deus se gerou a si proprio, — diziam elles, — e creou-se « no seio da massa liquida sem forma. Era elle um ser perfeito, dotado de sci- « encia e intelligencia seguras. » *(Maspero)*

« O Um unico, aquelle que existe por essencia, o unico que vive em substancia, o unico gerador no Ceu e na Terra que não tenha sido gerado . »

Unico em essencia, elle não é unico em pessoa. Não necessita sahir de si proprio para tornar-se fecundo; possue no proprio seio a materia de sua creação, é conjunctamente o pae, a mãe, e o filho de Deus. Geradas por Deus, sem sahir de Deus, aquellas tres pessôas são Deus em Deus, e longe de dividir a unidade da Natureza divina, concorrem todas as tres para sua infinita perfeição (*Maspero*).

Essas idéas foram o apanagio exclusivo dum numero restricto de doutores e de philosophos; não penetraram na massa do povo (*Maspero*).

* * *

ATEN.

A revolução que estabeleceu o dominio ephemero do culto de **Aten** ainda hoje é um dos acontecimentos mais singulares da historia religiosa do Egypto, e não unicamente do Egypto, mas de todo o mundo antigo.

Suas raizes se acham no proprio harem de **Amenhotep III°**. Não foi uma evolução lenta e fatalmente preparada, foi a obra de uma influencia pessoal, a da rainha **Tïï** (*Taia*), esposa de **Amenhotep III°**, mulher de espirito superior, cujas origens ainda permanecem, em parte, enigmaticas.

Mariette julgava-a de estirpe semitica, porém seu nome e os de seus pais parecem, ao contrario, filial-a á raça egypcia, ainda que fosse de origem vulgar. Ella exerceu, entretanto, imperio certo sobre o pharaoh, e já no 10° anno do seu reinado este instituira em **Karnak** uma festa em honra ao deus **Aten**.

Este **Aten** não era um deus novo. Em relação provavel com os **Hor-shasu**, os introductores da metallurgia *e as regiões donde provinham*, tinha achado agasalho nos velhos sanctuarios de **Heliopolis** ; e si considerarmos que um dos irmãos da rainha **Tïï** era vidente-mór neste mesmo templo, que o collegio sacerdotal desta cidade, muito mais antigo do que o de **Amon** em **Thebas**, tinha ciumes deste ultimo, por causa de sua prosperidade, desde a ruina de **Memphis**, — podemos suspeitar que o collegio de **Heliopolis**, comprehendendo a situação humilhada dos pharaós perante o ascendente ameaçador dos sacerdotes de **Amon**, achou na influencia da rainha **Tïï**, fortalecida por encantos pessoaes, um meio poderoso para tentar uma reacção contra o collegio de **Thebas**.

Amenhotep III° restabeleceu **Aten** e seu filho **Amenhotep IV°**, que nasceu de **Tïï**, e que soffreu a direcção intelligente desta ultima e do meio que a cercava estreitamente, cresceu para dar áquella reforma o caracter absolutamente original que ella revestiu.

Aten, segundo a doutrina pessoal do novo Pharaoh, é o calor emanando do disco solar, é a irradiação, fonte de vida universal, — a dispersão do foco central, fecunda para tudo o que existe no Mundo, animado e inanimado. Os hymnos compostos pelo soberano em pessôa, reivindicam esta comprehensão do deus renovado, pois que, assim acceito, **Aten** é um deus novo ; e nisso a revolução é a obra absolutamente pessoal do Pharaoh, que foi tratada como hereje.

Nesta reverencia de uma sorte de vitalismo soberano **Amenhotep** formulava um culto que em nada ficava exclusivo ao povo egypcio, e podemos então, pela primeira vez na Historia, ver um Deus que não é estreitamente nacional, — mas antes um convite para a união cultual de povos de raças diversas, estranhos uns aos outros, inimigos até ; — um projecto de verdadeira communhão universal.

O culto de **Aten** era, portanto, uma revolução religiosa que não carecia de magestade e uma como que veneração da Força poderosa que dirige toda a Natureza.

Considerando-o, porém, de mais perto, — era uma revolução, por assim dizer, realista, — racionalista. O reformador parece disposto á eliminar o mysticismo dos cultos anteriores, e dar ás aspirações da alma humana um escopo mais acceitavel á razão, mais tangivel. Em vez de abysmar-se numa theologia complicada e abstracta, é o poder, o calor solar que o fiel agradece de suas mercês, sensiveis na agricultura, na fecundidade das plantas, e dos sêres, na luz e no calor vital. A prece não mais é acto de fé e de religião, vem a ser como que um simples acto de gratidão.

Semelhante revolução num meio tal levava comsigo sua sentença de morte ; pois um culto descendo para um dominio relativamente prosaico, e repellindo as tentadoras especulações, nem por isso ganhava na affeição nem na intelligencia do povo, — o qual tão longe se achava da singella comprehensão realista como da mystica subtileza dos altos philosophos ammoneanos : **Stahl** é tão pouco popular quanto **São Thomaz de Aquino**. Estes conceitos são unicamente de letrados. O culto de **Aten**, portanto, não podia fazer vingar suas raizes bem profundamente na alma egypcia porque não dava de si para as mil combinações supersticiosas, fetichistas, que acompanhavam a fé nos outros deuses nacionaes.

Elle durou tanto quanto **Amenhotep IV** mesmo, — e os sacerdotes de **Amon**, depois da morte do real herege, reassumiram em pouco tempo o dominio religioso e politico.

* * *

Os deuses que acima descrevemos eram, na origem, *espiritos*, *genios* se incarnando para a mentalidade primitiva, numa forma animada. Elles tomaram, nos simulacros que os representavam, ora uma forma humana (*anthropomorpha*), ora uma forma animal (*zoomorpha*), ora uma forma mixta, que participa das duas. Era a consequencia da mentalidade totemista: — o animal sendo o do cantão ao qual pertencia a tribu, esta o reconhecia como pae, como guia e como deus protector. O anthropomorphismo sendo o molde da imaginação humana quando desponta, d'ahi as metamorphoses reciprocas entre o animal e o homem decorriam naturalmente neste periodo animista:

Ptah se incarna numa arvore, que, estylisada, se torna um *pilar*, — um dos *quatro pilares do mundo* — o **Tat**, que foi o amuleto consagrado a este deus. N. **51**.

Horus é um gavião (e tambem o é **Rã**), provavelmente porque, surgindo com a manhã, repelle na sua frente todas as estrellas, como bandos de passaros que se acobertam na escuridão ; mas si se comparar a sua vida diurna á vida humana,

quando nasce, será então uma creança — **Hor-p-krod** (*Harpokrates*, dos *Gregos*) — em pé, o dedinho á bocca, ou sentado numa flor de lotus. Ns. **1954, 1966, 52.**

* * *

Outros deuses numerosos ainda teve o Egypto, dos quaes os principaes aqui representados são:

O Deus **Bès**, o protector do somno, e mais provavelmente ainda protector e genio do proprio leito (N. **1968**), ás vezes pintado nas meias-luas para descançar a cabeça de quem dorme. N. **58.**

A Deusa **Bast**, Deusa de **Bubastis**, *anthropomorpha*. Ns. **1975**, **42**, e *zoomorpha* N. **43.**

Anpu (Anubis), o conductor dos mortos ao tribunal de Osiris, corresponde ao Hermés psychopompo dos Hellenos. N. **47.**

Tehuti (*Thoth*), o deus da Sciencia, dos escribas, inventor da escriptura. N. **69, 2.**

Sebek, o crocodilo. N. **56.**

* * *

De todos os deuses faziam estatuetas votivas, de pedra, de bronze, de terra esmaltada, etc. que eram offerecidas nos sanctuarios, ora para implorar protecção e beneficios da divindade, ora, como os actuaes ex-votos de cera, para agradecer os favores concedidos. Ns. **70, 84, 80, 53.**

II

QUANTO ás cerimonias funerarias, a parte principal era a *embalsamação.*

Anteriormente, porém, á descoberta desta formula de eternisação o corpo era dobrado na posição dicta *fœtal,* e mantido por laços, tal como se vê nas sepulturas *precolombi mas* do **Chile** (*Sala Humboldt*), ns. **8135**, **8136**, **8137**) e em numerosos outros povos primitivos. *Predynastico* tambem era o costume da exhumação, passado certo tempo do descarnamento dos ossos e *inhumação secundaria* ; — e, emfim, o uso da *incineração.* Estas praticas diversas, embora representando modalidades evolutivas, estadios da mentalidade humana em formação, foram adoptadas por tribus, elementos de fundos varios ; o typo culminante desta evolução, o typo propriamente pharaonico, é a embalsamação.

O cadaver esvasiado das visceras, lavado internamente com vinho de palma, forrado com aromatos, era depositado durante 70 dias num banho de **natron** (*Carbonato de sodio*), ao fim do que o envolviam cuidadosamente de ataduras (n. **527**) e o deitavam num caixão cujo valor e riqueza variava conforme a posição social do defuncto. Ns. **530**, **531** etc.

A arte de embalsamador attingiu a perfeição sómente no periodo thebano.

As embalsamações mais simples eram praticadas com asphalto, tornando-se a pelle escura e quebradiça. N. **164**. Cabeça mumificada — homem. (*E' digno de nota o arrasamento dos dentes, outr'ora mencionado por* **Lund**, *quando comparava-o com o dos craneos de* **Lagôa Santa**). N. **168**, cabeça mumificada — mulher. N. **175**, idem — homem.

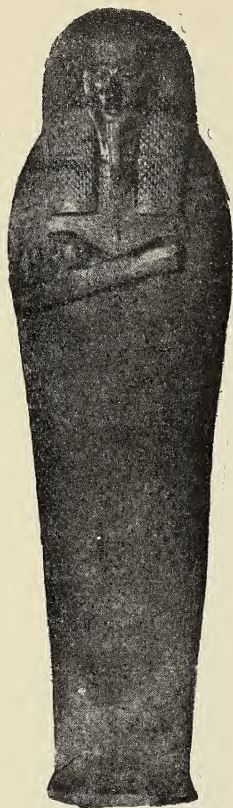
* * *

Os mais ricos sarcophagos são de porphyro, diorite, granito ou calcareo, gravados com hieroglyphos e scenas religiosas. Os outros são de madeira de cedro, cobertos com pinturas e inscripções.

Os sarcophagos do Antigo Imperio eram rectangulares e a decoração lembrava a architectura da época ; nos cantos, quatro pilares mais altos do que a tampa, geralmente semi-cylindrica.

Já na XIª dynastia fizeram esquifes de mumias desenhando a forma humana.

Na XII[a] dynastia, entretanto, continuam ainda as caixas rectangulares, onde interiormente está representado tudo de que necessita o defuncto: armas, alimentos, roupas, perfumes, etc.

Desde a XVII[a] dynastia apparecem caixas em forma de mumia, envolvidas com azas (são os ataudes *rishi*), representação allegorica da protecção da deusa **Isis**. A forma rectangular antiga, agora no Novo Imperio, é excepcional. Mas a riqueza dos sarcophagos anthropoïdes cresce; uns ha de diorite, na XIX[a] dynastia, com o defuncto deitado, cuidadosamente esculpido na tampa, e no fim do Novo Imperio as pinturas de scenas religiosas e de figuras mysticas cobrem litteralmente a caixa de madeira.

N. 525

N. **525** e **526**. Ataúde da mumia de **Hora** (*XX[a] dynastia*).

Lemos os titulos: *Chefe dos sacerdotes de* Amen-Rã, *Rei dos Deuses, escriba real, real parente, proposto á Sé da divina* Tuat de Amen;— HORA — *o iniciado* (*maxroou*).

Ns. **528** e **531**. Tampa e fundo do ataude de *Netert-Amenem Sa Ast*, da iniciada,— filha de *Neter Ankh Khonsu*. (*XIX[a] á XX[a] dyn.*)

No fundo da tampa a Deusa do Ceu, **Nut**, protege o cadaver. A *psychostasia*, ou julgamento da alma perante o tribunal de **Osiris** está representada na parte superior.

* * *

A ultima caixa interna, — geralmente são tres — é feita de uma cartonagem pintada, coberta de figuras symbolicas, — adornada com o collar *oskh* (n. **2088**)— ou com os quatro *genios* da **Amenti** (*os filhos de Horus*) e de inscripções:

N. **2089**. Cartonagem de mumia. Inscripção encimada pela Deusa **Maut** (abutre) e acompanhada dos quatro genios da Amenti; *Oração a Osiris Khent — Ament, Deus grande, Senhor de Abydos, para que elle dê as palavras ao filho de Setoui-a, o iniciado.*

Frequentemente uma mascara dourada cobre a face (Mumia no ataude n. **530** – Tampa n. **529**.)

A mumia de mulher aqui depositada não pertence ao esquife. A inscripção pintada, tanto no fundo como na tampa, nos fornece a seguinte indicação:

Real offerta ao Divino Horus das duas terras, Mestre de Resplendor, apparecendo sobre o horizonte, para que elle dê milhares de cousas bôas ao duplo do Osiris, Sacer-

dote de AMEN, *o diario, em seu grande templo, de Amen, como segundo guardião,* **Pa Sît-f-osher,** *o iniciado, filho do propheta de Amen de Thebas.*

Provém de **Hut** — Dobou (*Apollinopolis Magna dos Gregos*), a Edfu moderna. (*XIX a XXª dyn.*)

N. **236.** Ataude de madeira de uma creança (*menina*) : BASTIT ?

Inscripção na cabeceira : *A esposa* (dona de casa) AST-ROSHEL *faz a offerta para apaziguar o seu coração* (de sua filha). — (*Fim do novo Imperio*).

Com a época da decadencia e os tempos Saïtos, a ornamentação é mais profusa; a face, pintada de cores naturaes, approxima-se mais de um retrato verdadeiro.

N. **332.** Ataude fechado com mumia. Inscripção : *Real offerta a* Osiris Khent Ament, *Deus grande, Senhor de* Abydos, *para proteger a cantora da Capella de* Amen SHA-M-AMEN-SU-(*XXVIª-XXVIIª Dynastias*).

Esta peça foi algum tempo considerada como falsa, sem razão, entretanto. Depois de identificada, foi reconhecida formalmente pelo Sr. Conselheiro Barão Homem de Mello, como tendo sido offerecida pelo Khedive do Egypto, *Ismaïl*, ao Imperador D. Pedro IIº, quando de sua viagem ao Egypto em 1876. D. Pedro a guardava, em pé, no seu gabinete.

* * *

Na época Saita o basalto preto era geralmente preferido para a cuba externa. Ha tendencias para a volta ao archaismo da VIª dynastia e reapparecem as formas dos sarcophagos antigos, quadrangulares, com os pilares cantoeiros. Sobre estes collocavam os quatro *gaviões*, protectores do *Osiris* (ns. **4, 105**).

* * *

As entranhas retiradas do cadaver eram postas em quatro vasos, os *canopos*, que depositavam num cofre, ou ao lado do sarcophago. Estes vasos teem como tampas as cabeças esculpidas dos quatro *filhos de Horus, os Genios* dos quatro pontos cardeaes:

N. 161

Hapi com semblante de cynocephalo, **Amset** de rosto humano, **Tuamaut-f** com focinho de chacal, **Kebsenuf** com cabeça de gavião.

Os ns. **145, 159, 161, 172** pertencem á *época ptolemaica.*

* * *

A embalsamação não era exclusivamente applicada aos homens, os egypcios usavam do mesmo processo de conservação tambem para os animaes diversos que veneravam : assim com os gatos em **Bubastis** : ns. **237**, **243**, **247** — com os crocodilos no **Fayùm,** onde era adorado o Deus **Sebek** : n. **234** — com o ibis, dedicado ao Deus **Thoth**, n. **241**, com os cães, os cynocephalos, etc.

III

OS USHABTIU

S EGYPCIOS acreditando que na vida da **Ament,** do além-tumulo, o homen cultivaria os campos **d'Aaru** (ou *Campos de labor*), campos fecundissimos, — os abastados, que na vida terrestre possuiam terras e as mandavam lavrar, encarregaram tambem da lavoura posthuma tropas de jornaleiros que são os « **ushabtiu** ».

Na XII[a] dynastia a inscripção traçada nestes consta apenas dos nomes e titulos do defuncto.

Já, no Medio Imperio, porém, se encontram isoladamente com a inscripção do VI° Capit. do **Livro dos Mortos**, respondendo á chamada á lavoura. Ns. **256, 195.**

No Novo Imperio elles são armados com a enxada e um sacco de sementes. Ns. **262-266, 360, 14.**

N. **196.** Ushebti, *do auditor de justiça do sanctuario de* Isis, — BAK-N-MAUT, — *o iniciado.*

N. **222.** Ushebti de terra esmaltada azul — Inscripção : *a Osiris, dona de casa, Cantora de* Amen, AST-N-REN (*XIX Dyn.*)

N. **183.** Ushebti de pedra calcarea — Inscripção : *Adoração* á Ra-Harmachis, *para que o acompanhe* UB-RÉ (*XXII[a] á XXV[a] Dyn.*)

Desde a XVII^a dynastia multiplicam-se os tumulos, e na época Saïta tomam um aspecto de sanctidade, e são ornados da barba de **Osiris**, que só aos Deuses pertence. Ns. **7, 209, 369, 1339.**

Ns. **214, 215, 281**, etc. Ushebtiu *da defuncta* ANPU-SER, *filha de* NETERIT.

N. **101**. Ushebti de terra esmaltada verde— Inscripção : *Palavra resplendente do Osiris, Chanceller do rei do Baixo Egypto* AOUDJA, *filho de* AST, *para implorar o* Horus *das 2 regiões.*

Ns. **202, 208, 221, 223**. Ushebtiu de terra esmaltada verde. — Inscripção : *Palavra do Osiris* IARI, *filho de* KROD.

N. 6

* * *

Com a crença numa sancção moral, num julgamento do defuncto pelo tribunal osiriano, crença que tomou feição definitiva no Medio Imperio — nasceu tambem para o Egypcio a tentativa de illudir o juiz supremo, graças a um falso testemunho. Este é o **escaravelho de coração** que depositavam sobre o peito do cadaver, debaixo das ataduras, desde o Novo Imperio. Elle devia testemunhar, perante os *42 juizes* no tribunal da **psychostasia**, da puridade do defuncto. Ns. **113, 155, 468, 469** e **470**.

O DUPLO

O que caracterisava a morte para os Egypcios sendo a decomposição do cadaver, elles pensavam que, fugindo a esta, o corpo era sempre capaz de se animar novamente; dahi os processos de conservação. E o que anima o corpo, lhe dá a actividade, a vida, é a força vital individual — o **duplo.** O **Duplo** não é a *sombra* do individuo — é como que a *idéa platoniciana* da personalidade physica, isto é, o *typo* particular de cada homem. — Eis porque, afim de conservar este modelo exacto, que deve presidir ás incarnações posthumas, o egypcio o representava no tumulo sob forma de estatueta, para que a substancia material do defuncto pudesse revestir sua apparencia individual na hora *de sahir ao dia.* Erradamente se fez deste duplo a alma do morto. Ns. **100, 16, 200.**

N. **98.** Estatueta de duplo de *uma mulher. Ella tem na cabelleira o vaso conico, derramador de unguento* — (*XVIIIª dynastia*).

N. **38.** Estatueta de duplo *de uma mulher* — Inscripção : A-MER (*filha*) de THOTH, de NETERIT, *Sacerdotisa* de Thoth Meri? (*Ethiopia XXVª dynastia*).

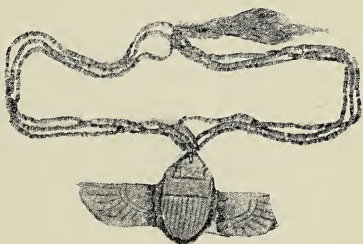
N. **181.** Estatueta de um duplo (*madeira*) — Inscripção: . . . *Osiris . . . para. . .* NETERTI, *senhor.*

Muito mais coherente com a moderna concepção da alma era o **Bã**, alma, espirito, sob a forma de ave com cabeça humana, que apparece primeiro nas pyramides da Vª dynastia. Ns. **246** e **108.**

IV

AMULETOS E ESCARAVELHOS

ALÉM do **duplo**, dos **ushabtiu**, das inscripções propiciadoras, os parentes do defuncto não descuravam de armar ainda sua mumia de um arsenal de **amuletos**, cada um tendo a sua efficacia propria e a sua collocação determinada em tal ou qual parte do corpo. Como não proteger o morto contra os maleficios, se já em vida taes talismans eram de uso constante?

A collecção do Museu contém muitos daquelles objectos, como collares com **escaravelhos de peito** (n. **154**), com **amuletos osirianos** (ns. **516**, **534**),

N. 113

ou com **genios da Amenti** (ns. **66**, **535**, *XXIª dynastia*) — e pulseiras (ns. **110**, **112**).

Entre outros, ainda ha: o *nó de Isis*, **Thet**, commum desde a XVIIIª dynastia, que liga a vida ao corpo (n. **394**), — o *coração* **ab**, symbolo da consciencia (n. **471**), o *pilar* **Tat**, que chamavam outr'ora o *nilometro*: é a imagem de **Osiris** descançando, na eternidade, do seu combate contra o mal; symbolo tambem da estabilidade (ns. **415**, **416**), — o *sceptro de papyro*, **uadz**, mantendo a força (n. **433**) — o *olho de Horus*, **Utchat** (n. **442**), — o **menat**, symbolo phallico, como o *fascinum* dos Latinos, tão commum entre os objectos pompeianos e que perdura hoje entre nós, (a *figa* — contra os feitiços); — as duas *plumas d'Isis* e *Nephthys*, **Shui**, que são

os *sopros divinos* (ns. **421**, **422**), — o disco solar d'**Hor-em-khu** (*Harmakhis dos Gregos*) (n. **392**) — *a egide* de **Sekhet**, posterior ao fim do Novo Imperio (n. **117**), — e o **gato**, destructor dos animaes nocivos, que symbolicamente representa aquelle que apaga as impurezas (n. **157**).

ESCARAVELHOS

Entre os amuletos, logar de destaque merece o *escaravelho*: **Kheper**, symbolo da *resurreição*, imagem do deus **Khepera**, o creador do Mundo, onde as existencias eternamente se succedem (ns. **468**, **473**).

Tambem serviam os escaravelhos como *sinêtes*. Desde o fim do periodo incerto que precede a XIIª dynastia são encontrados como sinetes reaes ou de personagens officiaes, a que o pharaoh concedia este favor. E' uma distincção frequente da XIIª á XIVª dynastia. Depois da XVIIIª dynastia os titulos nelles inscriptos são geralmente de officios religiosos:

N. **169**. Cartucho real de **Thutmès III** (XVIIIª dyn.)

Nem todos os escaravelhos com o nome de Thutmès III (*Thouti-mès*, filho de *Thot*) pertencem ao reinado deste pharaoh ; muitos seculos após ainda, e particularmente na XIXª e na XXVIª dynastias e na época Ptolemaica, os egypcios gravavam nos escaravelhos o *Suten-bàt*, titulo do principe: **Men-Kheper-Rã**, seja em homenagem áquelle grande conquistador, seja simplesmente por causa do sentido mystico do nome : *I destructivel incarnação de Rã.*

N. **483**. Cartucho real de **Thutmès** III, e o nome **Amen-User-Rã.**

N. 489

N. **489**. Escaravelho commemorativo das campanhas de **Thutmès III**, na Asia : **Men Kheper-Rã,** Senhor de **Menti** (*nomados do Sinaï*).

N. **490**. Servidor do culto de **Thutmès III**, e principe — com o cartucho real de **Thutmès**.

N. **474**. **Amen-Sit**, com a divisa : *Seja eu grande eternamente.*

N. **476** **Terhaq**. Lembrando o nome biblico *Tirhaqah*, do pharaoh **Taharqa**. Provavelmente de origem asiatica. (Começo do VIIº sec. antes de Chr.)

N. **477**. **Nusu-Rã**, *o iniciado.* (Novo Imperio.)

N. **478**. **Nefer-iu**. *As boas ilhas* (*os campos de Aaru*) (Idem).

Ns. **479** e **481**. Época dos **Hik-Shasu** (XVª a XVIIª dyn).

N. **180**. **Nefer-Her**.

N. **182**. **Amen-i-Rã**, *Neb*. (Novo Imperio).

N. **484**. Lê-se : **Nefer Khopes... hes**.

N. **485**. lê-se : **Nem...** Escaravelho de um anão de pharaoh?

N. **486**. **Kher-n-nuteru**. A *barca dos Deuses*.

N. **487**. Face de leão, estylisada — ou do Deus Bés? (Época dos **Hik-Shasu** ?)

N. **488**. **Aã**, *princeza*.

N. **533**. Grande escaravelho com cabeça de carneiro (*Amon*) de : **User Maat Rã**, prenome do pharaoh **Piankh-meri Amen**, de **Napata**, com a inscripção : *A divina* Maut, *cada dia, Senhora do Egypto inteiro*. (Posterior á conquista do Norte : XXIII^a dyn. — VIII^o sec. antes de Chr.)

N. **1793**. **Neb**.

N. **464**. Sinete com figuras de fantasia. (XVII^a dyn. ?)

V

AS ESTELAS FUNERARIAS

NO fundo das capellas funerarias, geralmente em face ao *Deus-Sol* que se levanta, um lagedo de pedra calcarea se erige, em feitio de porta, como que defendendo a entrada do ultimo recesso onde o defuncto opera o mysterio de suas resurreições: é a **estela**. As inscripções nella contidas são formulas magicas que, pronunciadas exactamente segundo os ensinamentos da liturgia —(isto é, cantadas escrupulosamente todas as palavras, com a cantilena ritual determinada),— evocam *os duplos* das *offertas ahi representadas* e fazem-nos passar no mundo da **Amenti**, no mundo dos mortos, para alimentar o defuncto, dono do tumulo.

Além das formulas, são inscriptos o nome, filiação e officios do morto — que tambem teem a virtude magica de completar e eternisar sua personalidade.

Para que o milagre se effectue, todo transeunte é convidado á repetir a formula gravada na estela :

« *O' vós que viveis nesta terra e passaes perto deste tumulo de ......, todos: padres leitores, sacerdotes, escribas, burguezes, — se amais Ap-uat, vosso Deus venerado, dizei: O Rei faz a oblação de milhares de pães, de cerveja, bois, gansos, vestes, olibano, oleo, para o duplo de...., filho da dama...., o iniciado. Se quereis ficar, em vida, no gozo dos vossos cargos na casa do Rei, trazei as vossas offertas á mesa de libações de Khent-Amenti, para que elle não seja surdo aos gemidos dos supplicantes.* » (Estela do intendente **Iu-nefer**, do Palacio de **Usertesen III** — *XII*ª *dyn.* N. **2419**).

A contribuição fornecida pelas **estelas** ao conhecimento da vida egypcia foi consideravel. Ellas offereceram apontamentos para a nomenclatura dos officios da administração real e sacerdotal que completaram os dados dos sarcophagos e outros monumentos — tanto como numerosos nomes proprios, ora obscuros, ora já conhecidos e celebres, fixando a época exacta em que viveram taes personagens. Chronologia, historia, philologia, theologia, todas as sciencias tiram proveito destes documentos, os quaes são como que memorias syntheticas dos defunctos. Refletem, ao mais, a evolução geral da arte.

* * *

Um egyptologo do Firenza tendo pedido em 1904 — pelo intermediario do Conde de **Arco-Vallé**, Ministro plenipotenciario da Allemanha, ao fallecido Director, o illustre Dr. **J. B. de Lacerda**— as photographias das estelas do Museu, ellas foram executadas. Uma traducção resumida veiu, em 1910, de Berlim, feita pelo Sr. **H. Grapow.** Foi esta mesma colleccionada agora sobre as pedras originaes, ás vezes modificada, que serviu para a catalogação.

As estelas do Museu dividem-se em tres series : 1°. Medio Imperio — 2°. Novo Imperio — 3°. Épocas posteriores.

As mais interessantes em cada serie são as seguintes :

MEDIO IMPERIO :

N. **2419** — I. Estela do *Prefeito do Sanctuario* de Usertesen III — **Iu nefer.**

N. **2420** — II. Estela em forma de porta. – do *Mordomo do Palacio* **Meri.**

N. **2421** — III. Estela de **Saha**, *Principe dos Dez do Sul.*

N. **2422** — IV. Estela de **Resu**, *Principe herdeiro e Conde de districto, Chanceller.*

N. **2423** — V. Estela offerecida em commum para diversos membros de uma mesma *gens.*

N. **2426** — VIII. Estela de **Ameni.**

N. **2427** — IX. Estela do *intendente* **Khent-kheti-hetep**. Na parte superior o defuncto em *Osiris*, como n'um **serdab.**

N. **2429** — XI. Estela do *Capitão dos guardas* **Menthu-Seker**, filho da dama **Senebtisî.**

N. **2430** — XII. Estela de **Sehetep-ab-Ré**, *Principe dos Dez do Sul* — Estylo archaico, lembrando a V^a dyn. (Antigo Imperio). *Época dos Hik-Shasu?*

N. **2431** — XIII. Estela do escriba **Seneb-f**, filho de **Ren-Seneb.**

N. **2433** — XV. Estela de **Seked Ishem Ré.**

N. **2434** — XVI. Hymno a *Osiris Khent Ament*, sob os auspicios de *Râ e Atum.*

N. **2435** — XVII. Estela de **Ur-hap Renf Seneb**, *Intendente da casa dos 3 barcos* — (Reinado de Amenemhat III).

N. **2436** — XVIII. Estela do *Conselheiro e escriba da Cidade do Sul*, **Pa enti-n**, filho de **Aker** e da dama **Ánni.**

N. **2437** — XIX. Estela de **An-khu**, *Intendente dos celeiros.*

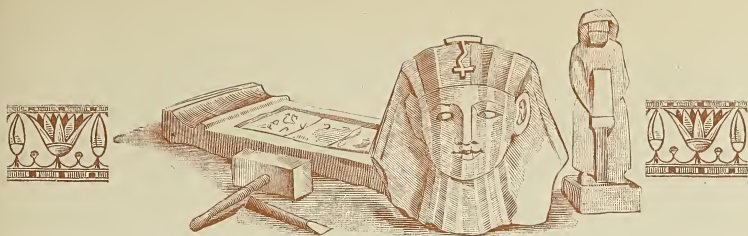
NOVO IMPERIO :

N. **2438** — I. Estela de **Tena**.
N. **2439** — II. Estela de **Meri-Ptah**, *porta estandarte.*
N. **2441** — IV. Estela de **Hui**, *escriba da mesa das bebidas.*
N. **2442** — V. Estela de adoração á Osiris do *Sheik* **Reja**.
N. **2444** — VII. Estela do *escriba* **Amen-m-apt**.
N. **2445** — VIII. Estela do *escriba* **Meri-Amen**.
N. **2446** — IX. Estela de um *funccionario do Thesouro*. **Uisì**, e de seu filho **Amen-m-apt**.
N. **2447** — X. Estela do *verificador do Thesouro real* **Ir**.
N. **2448** — XI. Estela da dama **Apa**.
N. **2449** — XII. Estela de **Bak-n-Amen** — (Época precedendo o reinado de *Amenhotep IV, 1ª metade da XVIIIª dyn.*)

E' uma das estelas mais preciosas da collecção. O nome do defuncto foi cuidadosamente martelado em todos os logares onde elle apresenta a transcripção do vocabulo **Amen** (*Bak-n-*Amen), como se póde ver em cima da terceira columna de hieroglyphos á esquerda, no alto, e em baixo da quarta columna, á esquerda, no registo inferior — Ora, esta perseguição até no nome do proprio Deus de Thebas foi ordenada pelo Pharaoh **Khu-n-Aten** (*Amenhotep IV*). A estela acha-se, assim, perfeitamente designada como tendo sido mutilada no reinado do rei-hereje, — de 1475 antes de Chr. em deante, — isto é, quasi trezentos annos antes da *guerra de Troja*.

N. **2451** — XIV. Estela do *guarda do corpo* **Neb-Nefer**.
N. **2452** — XV. Estela de um casal, offerecida pelos seus filhos **Tura e Inai**.
N. **2459** — XXII. Sem inscripção — (Proxima ao reinado de *Amenhotep IV.*)
N. **2461** — XXIV. Estela de **Si Assa**, *intendente das manadas de Amen.*

ÉPOCAS POSTERIORES :

N. **2462** — I. Estela de **Djed-anher-f-ankh**, filho de **Her-pa-krod**, *Gde. propheta chefe dos sacerdotes do templo de Osiris.* (Época Saïta.)
N. **2464** — III. Proscynema á **Her em-Khu** (Baixa Época).
N. **2414** — IV. Idem á **Rã**, sem inscripção (Idem).
N. **2415** — V. Idem á **Sebek** (Idem).

ESTATUETAS

ENTRE as estatuas feitas á imagem de um rei ou de uma personagem importante, ha, além dos « duplo », as que recebem um culto nos sanctuarios do mesmo rei, como se fossem divindades verdadeiras ; — estatuas que participam da vida actual e figuram como antepassados vivos nas procissões, na admissão nos sanctuarios das estatuas de seus proprios descendentes. Ha outras ainda que figuram em sanctuarios provincianos, dependentes da capital, — ou mesmo em lareiras particulares. Assim se encontram os principes e os deuses, os grandes sacerdotes e personagens eminentes.

N. 178

N. **81**. Estatueta de bronze do rei **Men-kheper-Rã**, *1° propheta de* Amon, *em Thebas.* (*XXIª dyn.*). Os hieroglyphos foram gravados e incrustados com fio de ouro, que existe ainda em parte. As qualidades de execução são notaveis, infelizmente faltam os braços, que eram articulados, e os pés.

N. **178**. Estatueta de madeira da celebre **Dama Takushit**. Recebeu culto e figurou em ceremonias. **Takushit** era *sacerdotisa do culto de Amon* de *Thebas* e filha de sacerdote. Viveu provavelmente num templo do **Delta** (*Bubastis ?*), donde provém a celebre e famosa réplica de bronze, do *Museu de Athenas*. E' obra da época saïta (*fim da XXVª dynastia*).

N. **153**. Da mesma época saïta é uma delicada estatueta de madeira representando a deusa **Neb-t-Hait** (*Nephthys*), irmã de **Isis** e esposa de **Set**. Ella está de joelhos, os braços eram articulados e deviam ser ligados ás azas. Na cabeça tinha o hieroglypho de seu nome.

178 — Dama Takushit.

GRECIA, ITALIA, etc.

VASOS ANTIGOS

I

CERAMICA, uma das primeiras industrias apparecidas nas tribus humanas, era geralmente executada pelas mulheres; porém nas épocas historicas e nas sociedades constituidas da Grecia e de Roma, excluindo os utensilios de cosinha e caseiros, a ceramica era trabalho de homens, e mesmo de especialistas, alguns dos quaes deixaram nomes celebres: **Epiktetos, Duris, Nicosthenes, Amasis**, etc.

Os primeiros vasos foram feitos á mão, e martelando a massa, ou superpondo e ligando entre si chinguiços de barro (*epoca de Halstatt, Troja*).

Para combater a porosidade, quando ainda não sabiam cozer sufficientemente a argilla, era usado o polimento. (*Vasos de* **Kamarés** e *dos 1^os palacios de* **Créta,**) Mas, depois de aperfeiçoada a cozedura, muito tempo ainda os vasos de uso domestico foram simplesmente expostos á acção do sol; são os **ôma** dos **Gregos**, os **cruda opera** dos **Latinos** (ns. **1491, 1545, 1606**, — *Pompeia.*)

* * *

O Museu não possue nada infelizmente da maravilhosa civilisação cretense para testemunhar quão longo tempo antes da época grega no sólo helleno floresceu uma arte phantasiosa e expressiva, ora estylisada e preciosa, ora naturalista e lembrando

a época egypcia de **Tell el Amarna**, com a qual esteve em relação,— pois esta foi contemporanea do *ultimo periodo minoano* (Minoano recente II — *1500 ant. Chr.*)

A invasão dos **Dorios** acabou com a **Creta** antiga, e a civilisação teve que recomeçar na **Grecia** merecendo estes tempos o nome de *Edade media hellenica*, ou época de preparação, de assimilação e desabrochamento.

A ceramica manifesta-se, então, pelo *estylo geometrico* e pelos *vasos do Dipylon* (*Attica*), aos quaes succede no IX° seculo o *estylo asiatico*, dito **corinthio**. São vasos decorados com cintas de animaes de fórmas heraldicas,— imitação de tapeçarias lydias e orientaes e de vasos de metal que **Mileto** exportava então para o mundo egeu. No VII° seculo encontram-se semelhantes em **Locres**, em **Naucratis**, etc. (N. **1489**, *œnochœ*).

* * *

No VI° seculo os vasos são de *fundo avermelhado*, da côr do barro, com **figuras pretas**, attingindo esta fabricação o apogeu na metade do seculo seguinte. As mulheres são pintadas em branco e ha toques de roxo, do mesmo tom que se observa nos vasos corinthios, applicados para completar o desenho (Ns. **1428, 1430, 1431, 1437, 1439, 1450**).

Este processo durou muito tempo ainda depois de ter apparecido um estylo novo, de **figuras vermelhas** sobre *fundo preto* (Ns. **1400, 1484, 1488, 1495**), que supplantou o estylo anterior e continuou durante o IV° seculo e o 1° quarto do III° seculo.

No V° seculo, **Athenas**, em consequencia do seu commercio de azeite e de vinho, monopolisou quasi todo o mercado dos vasos, exportando para a Italia e a Sicilia : o que lá não era importação da **Attica**, era imitação de seus productos.

Alguns destes vasos são então muito cuidados : coberta preta e brilhante, o que faz suppôr a applicação de um verniz incolor antes da cozedura.

A maior parte dos nossos exemplares desta serie são do V° seculo.

O n. **1399** é do começo, assim como os ns. **1447**, **1529**, lembrando a *escola de* **Epiktetos.**

N. **1447**. Scena de **palestra** : 2 *pedotribas* (preceptores dos gymnasios) e um *ephebo* ensaiando o salto.

* * *

No IV° seculo, entre os assumptos tratados nos vasos, frequentes são as scenas da vida quotidiana.

N. **1409**. Os **epaulios**, ou offertas das amigas á recem-casada, na manhã seguinte das nupcias.

Quanto aos vasos de grande capacidade, são frequentemente de fabricação mais commum. Na **Grande Grecia** (*Italia meridional*) executaram-se muitos destes, nos quaes o desenho era imperfeito (Ns. **1585**, **1586**).

* * *

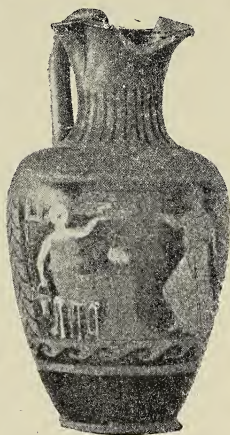
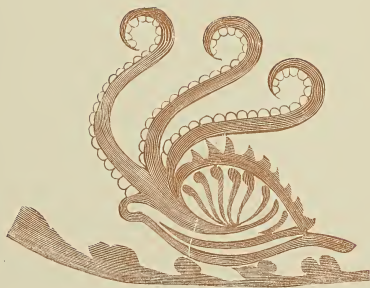
A **ceramica etrusca** e dos terramaros da **Emilia** é feita de uma massa preta, o **bucchero nero.** Algumas formas lembram a ceramica do **Perú**; as outras correspondem ás formas communs da ceramica grega. Os vasos etruscos vão do VII° ao III° seculo, ant. Chr.

N. 1409

No V° seculo havia um centro de fabricação em **Vulci.** Muitos vasos foram encontrados em **Chiusi,** embora tenham sido achados outros fóra da **Italia,** na **Grecia** e em **Rhodes.**

Esta ceramica parece ser uma imitação dos vasos de bronze. Os primeiros fabricados antes do **bucchero nero,** eram de um pardo quasi preto, lustrados ao polidor e frequentemente incisos com traços geometricos ou pontos, fingindo a technica do bronze, — e esta decoração se perpetuou nos primeiros vasos do *bucchero nero* (Ns. **1468**, **1471**, **1494**).

Os mais recentes e os **etrusco-campanianos** teem figuras em relevo, ás vezes moldadas separadamente e depois applicadas ao corpo do vaso (N. **1556**).

Em **Bari,** os vasos pretos foram decorados de scenas e ornatos á imitação do estylo grego, mas em vez de reservar o fundo natural do barro, as figuras eram pintadas em vermelho *por cima do fundo preto* (Ns. **1598**, **2109**).

II

Os vasos antigos, gregos e romanos, podem ser classificados pelas fórmas que revestem, fórmas em relação com o uso ao qual eram destinados. Mas a identificação exacta da fórma com o nome é tarefa hoje ainda difficillima por causa das divergencias entre os autores antigos.

Os vasos que serviam para transporte dos liquidos ou conservação de cereaes, sementes, etc., eram as **amphoras**. As maiores exigiam dois portadores; — geralmente não *sessis*, fincavam-se pela ponta na terra do celeiro, da adega, — ou se collocavam sobre uma tripeça (*incitega*) (n. **1591**); outras podiam se ter em pé, como os ns. **1529**, **1530**, **1543**.

A data da vindima, o typo do vinho, o nome do dono, eram inscriptos no hombro da **amphora**.

N. **1576**, com o nome do dono: Popidius (*Pompeia*).

Segundo a fórma, reconhece-se a proveniencia das **amphoras**, os centros principaes da fabricação, sendo **Rhodes** (N. **1577**), — **Cnida** (N. **1578**), — **Thasos** (N. **1579**).

Mas o nome de *amphora* não é exclusivo deste typo de vaso de grandes dimensões, é um *nome generico*, que era applicado a todo vaso com duas azas, como a **kalpis** (n. **1557**), o **stamnos**, etc. (Ns. **1468**, **1494**, **1529** e **1543**, e os de bronze, Ns. **1622**, **1624**, **1625**) etc.

Nas festas em honra á **Athenê** *Poliada* — as **Panatheneas** — umas amphoras com pinturas allegoricas e inscripções, cheias do azeite das oliveiras sagradas, eram offerecidas aos vencedores das lutas: são as **amphoras** *panathenaïcas*.

As provisões guardavam-se ainda em outros vasos de certa capacidade: **pithos** — **dolium**, que são pipas; o **cadus**, servindo tambem como urna para recolher os suffragios dos juizes.

Faziam officio de jarros: as **hydrias** e suas variedades — o **lagynos** (*lagœna*) verdadeira moringa (N. **1555**), — a **œnochoé**, especial para o vinho, na fabricação das quaes os *Rhodianos* se distinguiam — a bocca tem a fórma de trevo (Ns. **1144**,

1445, **1447**, **1458**, **1459** **1390**, **1398**), — a **olpé** (Ns. **1395**, **1474**, *etruscos*, — **1623** e **1627**, bronze, *Pompeia*), — o **prochoos** de gargalo elegante, alongado (n. **1559**), que são outros nomes da **œnochoé**. O **ascos** imitação estylisada dos primitivos *odres*, é outra sorte ainda de jarro (ns. **1413**, **1558**, **1596** — *Magna Grecia* —). O n. **1655**, de bronze, é etrusco, porém a fórma perdurou muito, e semelhantes foram encontrados em **Õlbia** (*Narboneza*) — (*1º sec ant. Chr.*).

Os vinhos gregos sendo muito fortes, não se bebiam puros, mas temperados com duas ou mais partes d'agua, e a mistura se fazia nos grandes **crateros**. As fórmas destes eram muito variadas. São conhecidos os nomes de **crateros** *argios*, *laconios lesbios*, *corinthios*, *tyrrhenios*, sem ser entretanto possivel distinguil-os exactamente pelas fórmas. Dos dois typos principaes, o de **azas em volutas** é o mais antigo. Estes vasos eram tambem applicados na ornamentação das salas e dos jardins (Ns. **1483**, **1516**, **1518**, **1587**, **1588**).

Para o mesmo fim serviam os **holkhions** (N. **1556**, etrusco. — *Chiusi*), e os **kelebés** (Ns. **1589**, **1590**. *Vº Sec.*) d'onde o vinho era tirado com o **cyatho** (Ns. **1396**, **1397**, **1448**, **1469**) para ser distribuido nas taças dos convivas. Ao **cyatho** armado de longo cabo correspondiam o **simpulum** dos *Latinos*, a **trulla** (Ns. **1649**, **1650**. *Pompeia*).

Nos seculos primitivos os *Gregos* serviam-se de cornos de bois para beber, — dahi o **keras** e o **rhyton**, que são a estylisação artistica deste utensilio; — mas as fórmas de vasos para beber multiplicaram-se extraordinariamente, segundo os logares e as épocas, e as principaes são: a **cylix** (Ns. **1466**, **1593**, **1418**, **1477**, **1442**, **1605**), que no VIº Sec., em *Athenas*, é uma taça profunda sobre um pé elevado, e que os *Gregos da Cyrenaica* aperfeiçoaram; — o **cantharos** (*o vaso de Baccho*) — (Ns. **1404**, **1467**, **1414**, **1438**); — o **scyphos** (Ns **1451**, **1452**), vaso dos *centauros* e de *Hercules*; — o **holmos** (Ns. **1377**, **1461**), o **cothon**, o **carchesion**, o **mastos** e os vasos menores ainda, empregados quando o vinho se bebia puro: o **cotylos** (Ns. **1412**, **1453**, **1604**) e o **cotyliscos**, a **plemokhoé** (o **poculum** *dos Latinos*), etc.

Havia nos antigos fórmas consagradas para os sacrificios, para os mysterios e vasos votivos: **anclabris**, **spondokhœ**, **lepaste** (o **præfericulum** *dos Latinos*), o **guttus**, que era um ambula, e a **patera** (*patena moderna* do culto), que é a **phiale** dos *Gregos* (Ns. **1322**, **1323**, **1325**, **1371**, — em bronze: **1690**, **1691**, — em vidro: **1699** **1700**); o **thymiaterion** (*thuribulo*) (Ns. **1692**, **1693** — *Pompeia*).

Os minusculos vasinhos de barro ns. **1370**, **1462**, **1463**, **1464**, **1465**, não são brinquedos, mas sim vasos consagrados aos deuses nas *lareiras* particulares, especialmente na *Italia*.

Os **lecythos**, tão celebres na fabricação atheniense e que modelaram tambem elegantes na *Apulia*, eram reservados para os oleos e perfumes — e para uso funebre; depositavam-nos nos tumulos (Ns. **1391**, **1428**, **1439**). A' mesma classe, para perfumes, unguentos, etc., pertencem os vasos ditos **ampullæ**, que

são: os **arybalis** (Ns. **1433, 1450**), **bombylos** (Ns. **1436, 1437**), o **alabastron** (ns. **125, 186, 229**, *Egypto*), **lecythos aryballiscos** (Ns. **1384, 1399, 1400**), **pyxis** (Ns. **1329, 1567**, de barro, *Pompeia*,— **122, 124** *Egypto*).

Numerosos exemplares de **guttus** de vidro encontram-se nos tumulos, que serviam para perfumes, — são os vasos ditos erradamente **lacrymatorios** (Ns. **1670, 1671, 1672, 1677, 1678**, *Pompeia*), porque a lenda corria que as *carpideiras*, nos funeraes, recolhiam suas lagrimas nestes vasos.

Emfim, para os usos domesticos, numerosos vasos ainda respondiam aos misteres do banho, da cozinha, etc. **Lebes** (**1646**) bacia, cujo typo é o vaso da *tripode*, — o **lebes gamikos** para aquecer a agua do banho da noiva, — e o **loutrophoros** para transportal-a ; as **lekánes** : o **chernibion (aquimanile** *dos Romanos*) para lavar as mãos nas refeições (**1629**), — o **podanipter, (pollubrum, pelvis** dos *R manos*) para lavar os pés (**1631**) ; — o **ahenum** (N. **1645**), o **alveus** (Ns. **1632, 1633, 1634, 1635**), o **cacabus** (N. **1644**), a **chytra** (N. **1376**, etc., **1327, 1646, 1641**).

E tambem os utensilios de bronze aqui expostos e provindos de *Pompeia*: **lopas 1648**, para cosinhar o peixe ; — **sartago** (frigideira) (**1647**), etc., os pratos de barro, **patina** (ns. **1526, 1575, 1607**), **patella, lanx,** etc.

DO VIDRO

I

QUANDO foi communmmente empregado o processo de soprar o vidro (*no III° Sec. ant. Chr.*), os vasos eram feitos mais frequentemente desta materia e, já no tempo de **Plinio** (*1° Sec. de nossa éra*) as taças de vidro tinham substituido o cylix de ouro e de prata. (ns. **1697, 1701** — **Cymbion**).

Em *Pompeia* os vasos de oleos e perfumes : **Ampullæ oleariæ, gutti** (Ns. **1670, 1672, 1707**), os **aryballos, phiales** etc. são communmmente de vidro.

N. **1706**. **Pyxis tripodo**, imitação de malachite.

Ns. **1702, 1703, 1704**, de vidro moldado, com applicações de azas de vidro (*Italia — éra christã*).

Na *Sardenha*, em **Tharros**, encontram-se nos tumulos vasos de vidro muito fino, que são provavelmente de exportação phenicia. O numero **1697**, offerecido pelo Conselheiro Lopes Netto, pertence ao grupo dos vasos de vidro *soprados num molde*. Esta fabricação foi adoptada na **Phenicia**, na *época hellenistica*.

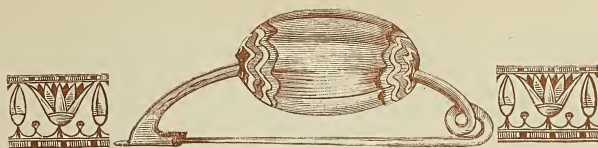
A irisação dos vidros antigos não é voluntaria, mas devida á acção chimica prolongada dos terrenos e das aguas.

* * *

As joias egypcias, além das pedras preciosas, eram frequentemente feitas com adornos esmaltados ou de vidro. O **esmalte** egypcio, impropriamente chamado *porcellana* ou *faïence*, tem por base terra calcarea, ou terra de **Gebelein**, d'**Assuan**,

etc. revestida de espesso verniz vitroso. Encontra-se desde os começos da historia egypcia ; — a verdadeira porcellana de kaolin, entretanto, não era desconhecida dos **Egypcios**, como o mostram uns ushebtiu do tempo de **Thutmes IV.**

Quanto ao **vidro**, muito tempo foi elle considerado como invenção phenicia, — é erro: os verdadeiros creadores do vidro foram os **Egypcios**, que o fabricaram desde mui remota antiguidade (*IV° millenario ant. chr.*) Os **Phenicios**, quando obtiveram direito de residencia em **Memphis** e outras cidades, aprenderam por sua vez a industria, depois de ter sido exclusivamente intermediarios.

E os frascos, amuletos, perolas, etc. de massa vitrea, ou de vidros coloridos com desenhos varios e artisticos, encontrados em pontos diversos do Mediterraneo, e que foram tão longo tempo chamados phenicios, são incontestavelmente de fabricação egypcia. Ao tempo das XVIII^a^ e XIX^a^ dynastias, collares, pulseiras, feitos de perolas, de vidros polychromos, eram communs na classe média do povo egypcio ;— serviam tambem perolas redondas ou conicas, ás vezes não furadas, como adornos funerarios para as mumias.

II

O n. **2116**, é uma perola de vidro, offerecida pelo Dr. von Ihering, provinda de **Linha grande** (*Provincia do Rio Grande do Sul*), onde foi encontrada, junto com outra, numa urna funeraria considerada como muito antiga. Esta perola é analoga a outras de mesmo typo e da mesma natureza, publicadas por **H. Schoolcraft** e encontradas na *America do Norte*, onde anteriormente, em 1817, já semelhantes perolas tinham sido achadas em tumulos indios (*Missouri*). Em 1888, uma perola do mesmo typo, depois de descoberta no *Mexico*, foi apresentada ao 7° *Congresso dos Americanistas*, onde o Dr. **Tischler**, discutindo-lhe a proveniencia, sustentou sua origem *veneziana*, sua fabricação no 15° seculo e introducção contemporanea das primeiras descobertas hespanholas.

N. 2116

De 1888 para cá, porém, as excavações no **Egypto** provaram até que gráo de perfeição attingiu a fabricação do vidro neste paiz, onde na antiguidade compunham **amphoridias** de vidros de côr, muito mais delicadas e complexas do que o presente objecto. E' necessario ponderar tambem que, se a classe média egypcia, como mais tarde o povo do occidente, se contentava com adereços de perolas miudinhas, — de *missanga* — seria pouco logico aos avidos conquistadores hespanhóes, terem offerecido ás populações, por elles consideradas como pagãs — perolas tão

grossas e valiosas como esta, numa época onde em **Venezia**, segundo o mesmo Dr. **Tischler**, ellas eram feitas por « *amor e imitação ás antiguidades.* »

Esta perola deixa, portanto, ainda aberto o problema de sua proveniencia, e difficil é estabelecer se de introducção phenicia, ou simplesmente normanda, antes do seculo 12° da nossa éra.

E' possivel que estas perolas tenham servido de *manguito* para ornamentar o arco de **fibulas**, como as de **Corneto**, ou de « *pingente* » de certas fibulas romanas de baixa época.

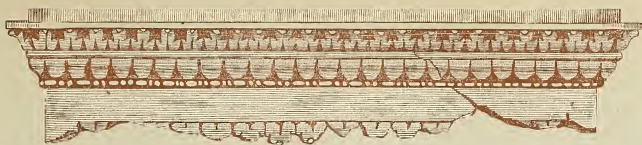
* * *

Hoje ainda em **Hebron** e **Alep** fabricam vidro de apparencia antiga, onde a soda e a potassa são substituidas, como outr'ora, pelo salitre de **Phenicia**, misturado com a areia do rio **Belus** (*Nahr-Halu*):

Ns. **1978**, **1979**, **1980**, **1990** — vasos de caracter antigo provindos da **Palestina** (vidro moldado).

N. **19 8**, fórma de **guttus** duplo.

N. **1987** — Vaso com applicação de azas de vidro. (Venda Ramousch).

Esta fabricação data do *4° seculo* de nossa éra.

I

FIGURINAS DE BARRO COZIDO

AS FIGURINAS de barro cozido, tanto como as estatuetas de madeira, pedra calcarea, metal, etc., não representam na origem obras de arte propriamente ditas, não são a consequencia de uma preoccupação esthetica.

Para os *Gregos* e *Romanos*, como o vimos para os *Egypcios*, a figurina tem um fim determinado, religioso ou funerario. É o symbolo, a substancialisação de uma crença, de uma esperança, taes os **ushabtiu**, as **estatuetas de divindades** já descriptos.

Servio em os seus commentarios a **Virgilio** diz: «*nos sacrificios, todo objecto que se não podia ter em substancia, era representado, e a ficção tomava o logar absoluto da realidade*»; — Isto é, realizava a substancia, a essencia material, pelo mesmo processo que o das offertas pintadas nas **estelas** egypcias.

E' notavel, portanto, esta communidade de raciocinio entre povos da remota antiguidade.

Quando morria um homem, *Gregos* e *Romanos* acreditando que numa vida nova elle continuasse invisivel em redor dos vivos, favoravel ou nocivo, conforme os deveres que se lhe rendiam, — offereciam-lhe refeições, libações, sacrificios, invocavam-n-o, imploravam sua assistencia, e consagravam nas lareiras: effigies, esta-

tuetas dos heroes, das divindades especialmente protectores, dos mânes, e os objectos do culto funerario: vasos, lampadas, imagens dos animaes dos sacrificios, etc.

Por motivos analogos, os fieis depositavam nos templos dos Deuses diversos estatuetas consagradas, offertas, ex-votos, etc. Dahi a origem das innumeraveis figurinas de bronze, marmore, terra cotta, madeira, etc., que possuem os Museus do mundo inteiro.

* * *

Entre as obras desta natureza, destacam-se pela sua graça fragil e preciosa as estatuetas de **Tanagra** (*Beocia*), cujos exemplares mais finos datam do *IVº Sec. ant. Chr.* São de terra cotta, delicadamente pintadas. (Ns. **1609**, **1610**. Nota-se no n. **1611** o penteado em *gomos de melão*, de origem *beocia*).

* * *

Da **Grecia** provêm egualmente os bustos de barro cozido que se depositavam nos tumulos e que representavam **Demeter Hercyna** (*Orcina*, dos *Romanos*) e **Persephone-Corê**, sua filha. Era a deusa da vida de além-tumulo; seu culto symbolisava a esperança na beatitude dos defunctos.

O busto se depositava sobre o solo e parecia como que resurgindo do **Orcus**, ou residencia dos mortos, prompto a trazer, seguindo a divindade, o defuncto á luz meridiana (Ns. **1709**, **1711**, **1712**, **1715**, **1721**,. . .)

A **Persephone** da *Beocia* (a **Praxidiké**) era representada por uma simples cabeça em alto relevo (Ns. **1716**, **1717**).

Muito analogas a estas ultimas, eram as cabeças cobertas de veu, que depositavam nos thesouros dos templos, a titulo de ex-voto. (N. **1833**. *Corintha*, ou *Pireu*?)

* * *

Estatuetas de *orantes* de **Demeter** acompanhavam tambem o defuncto no tumulo (Ns. **1616**, **1617**, **1619**, etc.).

Da **Grecia**, introduziram em **Roma** no culto de **Cerès** (*Demeter*) o sacrificio da *porca prœcidanea* ou *prœsentanea*, immolada em honra aos defunctos no momento da colheita e com o sangue da qual purificavam a casa. Imagens deste animal faziam de barro cozido tambem e consagravam-nas nos templos. (Ns. **1731**, **1736**).

* * *

Do mesmo genero que o culto de **Demeter** (*Gê-meter*) é o de **Gaia**, — a deusa *Terra*, mãe e nutriz do genero humano (*kourotrophos*). — Ella é geralmente figurada com duas creanças, uma cornucopia, um boi, etc. Encontra-se todavia, tambem sentada, immovel, os joelhos unidos, como no n. **1613**, oriundo de *Cypra*.

* * *

Na **Asia menor** e na **Grande Grecia** (*Calabria, Tarento, etc.*) as estatuetas são um pouco posteriores. Frequentemente estampadas em dous moldes diversos e depois reunidos. As mais grosseiras são feitas á mão.

De **Cypra** provêm as figurinas estampadas com janella posterior, e revestimento de giz branco, de estylo *pseudo-egypcio*, porém de fabricação *phenicia*. (N. **1612**, *IV° Seculo*).

N. **1614**. **Eros** *funebre* ou **Pothos**, apoiado á um facho (*Cyrenaïca*).

N. **1615**. Provêm da **Megaride** (*Pagœ*, sobre o golpho de *Corintha* ?).

A **Cyrenaïca**, colonia grega na **Africa**, forneceu ainda :

O n. **1735**, **Genio** *aptero* sentado sobre um cão de **Melite**.

O n. **447**, imitação de uma boneca articulada (*nevrospata*), sorte de amuleto que participava das virtudes protectoras das *aiora* (*imagens suspensas, oscillatorias*).

N. 1726

N. **1737**, figurina pertencente ao cyclo de **Demeter** e que representa **Trophonios** *creança*, ou **Iakkhos**. Acha-se frequentemente na **Cyrenaïca** e em **Tarse**.

Muito mais interessante é a estatueta, infelizmente quebrada, N. **1738**, grega, em marmore, revestida de uma bella patina loura, e que parece ser uma **Aphrodite**.

A technica um pouco frusta e os cabellos de penteado archaico, lembram o *começo do IV° seculo* e a influencia dos grandes mestres da *escola de* **Phidias**.

A cabeça n. **1724** é do mesmo seculo, porém um pouco posterior.

Merece toda a attenção o fragmento de cabeça n. **1726**, em barro cozido, que pelas suas proporções e feições se revela como uma cópia posterior de uma estatua bellissima da *escola* de **Praxiteles**. No ponto de vista esthetico, é certamente a peça mais bella da collecção.

N. **1739**, sem cabeça nem braços, era funeraria e segurava sem duvida o **calathos** contendo os presentes offerecidos ao defuncto.

N. **1727** — figura comica, romana, da época de **Augusto** ou de **Nero** (*1º Seculo de nossa éra*) — Talvez uma caricatura deste ultimo. (Provém dum vaso de cabeças em relevo ?).

N. **1801**, grotesco: escravo negro com a cabeça coberta do *pileus* (Personagem de comedia ?) — (*Romano*).

II

ESTATUETAS DE BRONZE

A maior parte destas figurinas são bronzes votivos, offerecidos em sanctuarios diversos; a rudeza da technica não é sempre prova da relativa antiguidade, mas antes, da condição modesta dos offertantes, que se dirigiam a fabricas locaes, de infima cathegoria.

N. **1820**. Figura de bronze, analoga ás encontradas na **Sardenha** e que representam guerreiros (*heroe* — ou *deus da guerra* ?); — differente entretanto dos achados de **Teti** — (*XII° Sec. ant. Chr.* ?)

Muitos desses bronzes attribuidos á Sardenha foram fabricados em **Cesarea** da *Cappadocia*, e os falsos são numerosos !. . .

* * *

N. **1819** **Poseidon** (*Neptuno*) com um tridente (falta), e o *tribon*, manto dorico curto. *VI° Sec. ant. Chr.*

N. **1815**. **Bronze votivo** de athleta. *VI° Sec.*

N. **1816**. Idem de athleta. *VI° Sec.*

N. **1817**. Idem de athleta (*pancratiaste*?), estylo de **Myron**. *V° Sec.*

N. **1812**. **Herakles** (*Hercules*), com a maça e a pelle de leão, um arco na mão esquerda. *V° Sec.*

N. **1813**. **Zeus** (*Jupiter*), com o raio na mão — (**Olympia** ?). *V° Sec.*

* * *

N. **1822**. **Bronze votivo** para um *genius loci*, com a patera ; — bella patina verde — um annel de suspensão, — Archaico: *metade do VI° Sec.*

N. 1822

N. **75**. **Cabo de uma patera** de bronze. Bellisimo em desenho e em proporções, mas falho de fundição, e grosseiramente retocado. Representa um **Herakles** com a pelle de leão na cabeça e sobre os hombros. Encontra-se frequentemente o mesmo modelo mas com o typo de **Apollo**. (*V° Sec.*).

* * *

N. **1818**. **Hera**? — Bronze votivo. Etrusco: *anterior ao VIº Sec.*

Os ns. **1814, 1827** são provavelmente representações de **Minerva**, que os *Romanos* assemelhavam a **Athenê**, mas que deve ser distinguida como uma divindade de origem diversa (Etrusco: *Menerva* que **Vossio** approxima com razão do grego "*menos*"— vis animi, — e que lembra **Amen** egypcio, e **Min**) *Vº Sec.*

* * *

Tambem são **bronzes votivos** os ns. **1821, 1823, 1825, 1828, 1831** e representam sacerdotes e sacerdotisas com pateras na mão. Provavelmente originarios das visinhanças de **Ateste** (*Este moderna*, na *Italia*). 4º periodo Euganeo-Atestino — *Época da invasão celtica do Norte* (*IVº Sec.*)

Da mesma proveniencia, mas do periodo precedente ou **época veneta** (*das sepulturas á incineração*), é o n. **2005**. Folha de bronze recortada em forma de cavallo, com circulos gravados, e que provém de uma **fibula** em fórma de broche (*Vº Sec.*). Exemplares analogos foram encontrados na **Gallia** oriental.

* * *

Os ns. **1826, 1829** são **bronzes votivos** (mulheres), aos *genios* de localidades diversas (*genii locorum*).

N. **1810**. **Helioserapis** confusão das duas divindades *Helios* e *Serapis* numa só figura. — Bronze votivo: o Deus estende o braço direito, e com a mão esquerda sustenta um crocodilo. Provém, sem duvida, de **Alexandria** (*2º ou 3º Sec. dep. de Chr.*)

LAMPADAS ANTIGAS

(**Lychnos** dos *Gregos*, **lychnus, lucerna** dos *Romanos*)

JÁ nos tempos *quaternarios*, quando eram habitadas as grutas (*Altamira*, *Dordogne*, etc.), época estimada em 10.000 annos antes dos antigos monumentos do Egypto e da Chaldea, as **lampadas** eram conhecidas: eram então feitas de pedra.

De pedra tambem eram as grandes *lampadas mycenianas*, analogas ás *egypcias*, com dois pavios, alimentadas com azeite ou gordura e dispostas sobre um pé, como se fossem candelabros.

As **lampadas egypcias** communs, de uso vulgar e que adoptaram os **Phenicios, Carthaginenses, Cypriotas** e os povos da **Syria**, eram feitas de *conchas* largas, ou de barro cozido, imitando as mesmas. Tinham um ou dois **bicos** (**rostra** nos *Romanos*).

N. **1789. Lampada** em feitio de concha (*Syria*).

* * *

Os **Gregos**, antes de adoptarem o uso das *lampadas*, serviam-se de *archotes* e, como os costumes antigos perduram longo tempo nos ritos tradicionaes, apesar dos progressos acceitos na vida commum, — os *archotes* figuraram ainda muito tardiamente nas ceremonias religiosas, e nas scenas figuradas nos vasos e pinturas de caracter ritual (*prothesis*, *nupcias*, *lampadophorias*, etc.).

* * *

Para as lampadas antigas empregaram, além da terra cotta, o alabastro, o vidro, o chumbo, o bronze e mesmo o ambar.

As lampadas decoradas com figuras, emblemas, etc., eram compostas de dois **moldes**: a metade inferior, a *concha*, — e a *tampa*, isto é, a parte superior,— como se póde notar no n. **1755**. A fórma da parte superior era objecto de commercio, assim é que **lucernæ** de proveniencias diversas apresentam a mesma decoração.

As **torcidas** eram feitas de fibras vegetaes: *papyro*, *ricino*, etc.

Além do uso caseiro, as lampadas eram dispostas nos sanctuarios, nas lareiras particulares, e o azeite, consumindo-se, servia como offerta do mesmo modo que o incenso. Eram depositadas tambem nos templos como ex-voto, e nos tumulos.

* * *

Os typos mais antigos, depois da fórma em concha, são os das lampadas gregas cylindricas, ou das redondas, sem azas,— de rostro alongado — ás vezes revestidas de verniz preto.

Ns. **1778**, **1780**, **1781**, **lichnoi** gregos, primitivos.

N. **1888**, **lychnos** grego,— forma de transição.

As *fórmas populares*, executadas pelos proprios donos e não compradas, são de determinação chronologica muito incerta. (Ns. **1941**, **1942**).

As lampadas offerecidas em **ex-votos** nos sanctuarios conservam a fórma ritual quasi que primitiva :

N. **1653**, **lychnos**, dedicado a **Hekate**.

N. **1782**, **lucerna** votiva, — tem no fundo a inscripção: VESTA.

Ns. **1775**, **1779**, com duas cabeças de cysnes — **lucernas** votivas a *Venus* (*II° Sec. ant. Chr.*)

* * *

Na **Italia Meridional**, na **Africa do Norte**, encontram-se no *I° Sec. ant. Chr.* as **lampadas** de recipiente circular, com o rostro alargado na extremidade e ás vezes uma saliencia lateral: são as **lampadas delphiniformes**: Ns. **1652**, **1751**, **1905**.

As **lucernæ** *judaicas* da época romana conservaram o typo das *lampadas delphiniformes*, mesmo sem aza: Ns. **1790**, **1792**.

* * *

Acredita-se que os *Romanos* não conheceram a **lucerna** antes de 300 (*ant. Chr.*). As primeiras eram de origem *campaneana*, — e offerecem uma fórma de transição (N. **1907**).

* * *

Depois da **éra christã** as **lucernæ** *romanas* são frequentemente redondas, sem aza:

Ns. **1787**, **1777** (*1º Sec. dep. Chr.*)

N. **1651**, decorada com palmas, — (*christã*).

N. **1710**, **lucerna** *pensilis* de bronze.

N. **1743**, **lucerna romana**, com um *Eros*. Fórma de transição (*do 1º ao 2º Sec.*).

N. **1767**, **lucerna pensilis** em fórma de mascara comica, com a inscripção DEO. MAX [*imo*]. (*Pompeia*).— Offerecida pelo *Jornal do Commercio.*

N. 1767

N. **1765**. Forma de transição (*do 1º ao 2º Sec.*).— *Pompeia* — offerecida por S. M. Dom Pedro II.

* * *

A fórma que segue, no 2º *Seculo*, tambem é de recipiente redondo, com uma aza em annel; o rostro vae se encurtando:

N. **1562**, com o nome CRISPVLVS.

N. **1554**, com o nome MYRO.

N. **1764**, com uma figura em pé (*Eros* ou *Dionysos*). Offerecida por *S. M. Dom Pedro II.*

N. **1766**, com uma reproducção do grupo das *tres graças* (do typo da pintura de *Herculanum*), e a inscripção: Q. MEM. PVD. (encontrada até hoje só na *Sardenha*). — Offerecida pelo *Jornal do Commercio.*

Ns. **1760**, **1768**, com a inscripção AMOR, — **1769**, todas as tres com mascara de theatro.

Ns. **1753**, **1773**, com a letra H.

Ns. **1746**, **1747**, — **bilychnis**, — n. **1744** — idem — de bronze.

Ns. **1741**, **1742**, **lucernæ** de bronze.

* * *

Apparecem depois as **lampadas de baixa-época**, geralmente ditas **christãs** — de corpo prolongado até ao *rostro*, e que não tem aza ou, em logar desta, um botão pontudo.

Ns. **1752**, **1755**, com cacho de uvas.

Ns. **1770**, **1771**, **1776**, **1906**, **1952** (*Italia christã, 3º Seculo em deante*).

N. **1758** (*Africa Septentrional*).

N. **1761**, com um cavallo estampado (*Carthago*).

A **Judea** *christã* fornece typos analogos:

Ns. **1783**, **1784**, **1785**, **1786**, **1944**, **1951** (*Venda Ramousch*).

N. **1953** (*Inscripção illegivel*).

Ha tambem analogia com os modelos arabes:

Ns. **1791** (Siloé) — **1943**, **1950** (*Venda Ramousch*).

* * *

Lanterna — Entre os **Romanos** a luz era fornecida por uma *lucerna* de barro ou de bronze, ou por um *archote* pequeno, posto numa caixa com armação de bronze. As paredes eram feitas de corno translucido, de panno oleado e mais tarde de vidro. Durante muito tempo os **Carthaginenses** passaram por fabricar as lanternas com a maior perfeição. Os primeiros **Gregos** as chamavam **lamptêr** (N. **1657**, *Pompeia*).

* * *

As **lucernæ** eram postas frequentemente sobre pés ou tripeças, nas mesas.

N. **1806**, pé de uma tripode para lampada (*etrusco*).

Dahi a origem dos **candelabros.** Duas cidades: **Tarente**, na *Grande Grecia* (*Italia*) e **Egina**, na *Grecia*, celebrisaram-se pela perfeição dos candelabros.

O n. **2048**, achado em *Pompeia*, parece provir de **Tarente.** Illuminavam estes o **triclinium**, ou sala de jantar. — O n. **1658**, de proporções modestas, punha-se na propria mesa.

UTENSILIOS DE TOUCADOR

NTRE os objectos de bronze da collecção, boa parte pertence a utensilios de toucador e adorno.

Convem mencionar em primeira linha as **fibulas** (*fivelas*), ainda que possuamol-as em pequena quantidade e de typos pouco variados. O interesse das **fibulas** é consideravel em archeologia, porque o evoluir de suas fórmas permitte, quando encontradas nas excavações, testemunhar as migrações dos povos, e fixar as épocas, quasi com a mesma segurança que o permittem as *moedas*. As fibulas, entretanto, precederam estas.

A **Fibula** (**peroné** *grega*), ou fivela, parece de origem européa e occidental; — não era conhecida no Oriente antes da influencia grega, e com sua fórma mais simples, que é a do nosso alfinete de segurança, apparece sómente no fim do *periodo myceniano*, isto é, no *XIII° sec. antes de nossa éra*. A **fibula** *ad arco semplice*, com ou sem linhas geometricas gravadas no arco, representa já uma primeira evolução:

Ns. **1908**, **1910**. **Época veneta** (3° periodo euganeo-atestino), anterior á **Certosa de Bolonha** (*VI° Sec. ant de Chr.*)

O n. **1957** offerece um *typo de transição* que faz prever a **fibula italica**, do typo *a navicella*, ou *a sanguesuga*, tal como vemos nos ns. **1873**, **1802**, **1803**, **1804**, **1805** (*VI° e V° Sec.*).

As vezes, o **pé** da fibula, isto é, a *chapa de segurança*, se prolonga muito além da ponta do alfinete (ns. **1872**, **1911**), o que serve de passagem para o typo provindo da **Italia Septentrional**, onde o arco diminue o comprimento da corda em relação ao pé, e que será a **fibula** *à batonnets*, e os typos riquissimos da **Certosa**, IV° *Sec.*).

Os Romanos desenvolveram esta fórma, aperfeiçoaram-na e substituiram pela articulação na cabeça do alfinete o antigo systema de mola em annel. O **typo romano provinciano** offerece um modelo *cruciforme* :

N. **1909** — *Sul da Italia* — dourado.

* * *

Outras formas muito variadas de fibulas existem ainda. Em **Halstatt** (*Austria*), na **Hungria**, — nas necropoles **Celto-illyricas**, são frequentes as fórmas á *spiras*.

N. 1939

ou em *discos duplos* — oriundas dos valles do **Ister** (*Danubio*) : — N. **1939**.

Da mesma origem e época são os **colchetes** com *spiras* e *correntes* (Ns. **1897**, e **1898**), e os **broches**, n. **1940**.

No *IV° Seculo* os **broches** supplantaram as **fibulas** e eram feitos sob a fórma de chapas gravadas, esmaltadas, com pedras, etc., ou sob a forma de rodas, rosetas, cruzes gammadas, figuras diversas de animaes, medalhas, ns. **1880**, **1937**, **1938**.

Os ns. **1852** e **1876** são de ferro (*Época da Tena*).

As fivelas ns. **1984**, **1985** fechavam cintas (*cingulum* ou *balteus*).

* * *

Para reter ou levantar a **chlamyde**, a **tunica**, o **pallium** etc. usavam de *fivelas de pressão*, sem alfinete e feitas, ás vezes, de chumbo, como no exemplar n. **1986**.

* * *

ESPELHOS :

Kátoptron dos *Gregos*. Homero não fala de espelhos; elles são de origem egypcia. Eram feitos de um disco de bronze polido. Uma figurina, de mulher, geralmente, permittia mantel-os em pé nas mesinhas de *toilette*.

N.° **1824**. Uma mulher lembrando as *caryatidas* do *Erechteiôn*. (Grego, *V° Seculo*).

No *IV° Século* o cabo não permitte mais tel-os em pé, é preciso mante-los com as mãos, elles são conservados em caixas ou estojos bellissimos.

Frequentemente as mulheres consagravam espelhos a suas divindades protectoras.

Os espelhos são, ora decorados com relevos, ora gravados ; estes ultimos são mais raros.

N. **1875**. **Cabo de espelho** com cabeça de cavallo em remate. Um segundo espelho completo, n. **1688**, apresenta cabo identico, — no reverso uma scena gravada, de bello estylo ; dois homens sentados conversando (*Grego, III° Sec.*).

N. **1687**. Muito curioso, — com um perfil gravado, sem duvida pelo proprio dono ; — o desenho, incorrecto pelas proporções, conserva entretanto os caracteres do typo grego — com a iris de face, num olho de perfil, o que lembra a technica dos *vasos* a *figuras vermelhas*. E' simplesmente impericia de amador, e não estylo da época (*Provavelmente do II° Seculo*).

Não temos indicação da proveniencia — e passa por ter vindo de **Pompeia** ; — convém lembrar, entretanto, que muitos objectos achados nas ruinas desta cidade italo-grega não eram contemporaneos dos terremotos, mas sim já de muito anteriores.

N. 1687

* * *

Os **Gregos** davam o nome de **belonê** a todo genero de *agulha* e aos *alfinetes* de cabeça, **acus (crinalis, comãtoria**, dos *Latinos*). O **acus discriminalis** servia para repartir os cabellos.

Ns. **1881**, **1883**, **1884**. **1959**, **1960** — **acus crinalis**.

Alguns destes alfinetes eram ôcos e podiam conter perfume, ás vezes mesmo, veneno. Segundo **Dion Cassio**, um semelhante alfinete que **Cleopâtra** sempre levava no penteado ter-lhe-ia servido para se dar a morte. Apesar da lenda da cobra, esta versão é mais verosimil.

II

ANNEIS, ARMAS etc.

NÃO parece terem os **Gregos** usado anneis antes do *VIº seculo*. A mais antiga menção feita a um annel grego é a de **Herodoto** a respeito de **Polycrates**, tyranno de *Samos*.

No tempo da *Republica*, em **Roma**, o annel de ouro **(anulus)** era privilegio da aristocracia. Os triumphadores usavam o annel de ferro, e tambem de ferro era o annel offerecido pelos noivos. Na época de **Hadriano**, porém, sómente aos escravos era prohibido o uso do annel de ouro.

Quando da 2ª *guerra punica* serviam-se de *anneis* com **sinete** para sellar missivas — e no *Imperio*, sob **Claudio**, o *sinete* foi gravado no proprio annel de ouro massiço.

Os ns. **1912**, **1917**, **1919**, **1921**, **1924**, **1946**, **1947**, etc, provêm de **Pompeia**.

N. **1964**, preparado para *sinete*.

N. **1922**, gravado com o nome BOANTII (?) JUNII (*Boantius Junius*), do dono. A impressão sahia invertida (*Pompeia*).

Ns. **1894**, **1895**, **1934**, **1935**, **anneis com chave**, para fechar cofres (*Pompeia*).

* * *

Ns. **1903**, **1904**, **Peribrachionia** (*pulseiras*), que pela forma de serpente eram tambem chamados **ophis**. São egualmente ditas **helices**, as pulseiras de spiras como as de ns. **1901**, **1902**. Os *Latinos* davam á pulseira o nome de **armilla** (ns. **1862**, **1864**). **Brachiale, torques brachialis** ou **spinter**, eram as que levavam no braço (n. **1863**).

Foi dos **Sabinos**, sem duvida, que os *Romanos* tomaram o uso do **torques brachialis** como premio militar (*calbeus* ou *galbeus*). Na epoca Imperial, as **armillae** constituiam, com as **phaleras** e os **torques**, as distincções honorificas concedidas aos *centuriões*, baixas patentes, e soldados rasos.

Os ns. **2013**, **2014**, **2015** são **strigiles** — (*raspadeiras de suor*) (*Pompeia*).

O escravo *tractador*, depois do banho, praticava fricções e raspava o suor, effectuando assim verdadeira massagem vibratoria que entretinha a elasticidade dos musculos. As melhores **strigiles** provinham de *Pergama*. Houve tambem strigiles de vidro.

* * *

As **phaleras** foram na origem ornatos para cavallos. Cerca do V° *Sec.* tornaram-se condecorações militares: applicavam-se no **balteus** ou faixa, e primitivamente eram reservadas aos cavalleiros. Os ns. **1846**, **1850**, **1851** são do mesmo typo, porém de épocas diversas. (*Cabeça* de **Gorgona**).

N. 1847

O n. **1847** não parece ter sido applicado como phalera. O typo, entretanto, é o mesmo — a face da **Gorgona** é reproducção de modelo *hellenistico* (*III° seculo*).

* * *

O capacete, **krános** dos *Gregos*, chamava-se em latim **cassis** (baixo latim: **cassicum**, donde provém o francez *casque*) — **Galea** era o capacete primitivo feito de pelle.

N. **1656**, **capacete votivo** de *typo corinthio*. Dos dous lados, as **paragnatides**, para proteger as faces, formam uma peça só com a calota. Lembra o capacete da deusa **Athena** (*Minerva*), *VI°* ao *V° seculo*.

N. **2018**. Fragmento de **gladius** com a bainha (*2ª edade do ferro*).

Ns. **1892**, **2042**. Pontas de lanças.

Ns. **1893**, **1932**, **1933**, **chaves** de bronze, consideradas como tendo servido para armar o arco (?)

Ns. **1871**. **Glans** — Bala de *funda* (chumbo). Arma de origem ibreica.

N. **2000**. **Glans** — Bala de *funda* (chumbo) com a inscripção: L. A. CALVE. FVLVIA. CVLVM. PAN. gravada em letras cursivas: — Injuria dirigida pelos soldados cesarianos contra **L. Antonius**, irmão de **Antonio**, e contra **Fulvia**, mulher deste. (Guerra de **Perusa**. *40 ant. Chr.*) — Figura no *Corp. Insc. lat. I. n. 684.* — (As balas de funda falsificadas, com inscripções, são frequentissimas).

III

OBJECTOS DIVERSOS

CAMPAINHAS (*Pompeia*) — Ns. **1660, 1661, 1662, 1668** etc. (**Codôn** em grego, — **titinnabulum, campana** em latim).

Eram usadas como *amuletos* protectores contra a *jettatura*; assim serviam suspensas ao pescoço dos animaes. Nas ceremonias religiosas, bachicas, cabiricas, era costume agitar campainhas, — para conduzir os criminosos ao supplicio, durante os eclipses, e para annunciar as refeições, chamar os escravos, etc.

* * *

Ns. **1679, 1680. Esporas** romanas (*calcar*) provindas de *Pompeia*.

Ns. **1853, 1854, 1856. 1857, 1860, 1861. Clava.** Ponta de maça, feita de bronze ou de ferro, com saliencias; — arma offensiva cuja origem vem dos Barbaros, limitrophes do Imperio (*Pompeia*).

* * *

N. **1849. Antyx,** ornato de bronze (*cabeça de Minerva*), applicado na borda da caixa dos carros, ou na extremidade da lança (*Pompeia*).

* * *

N. **1681. Prostomis.** Cabresto de cavallo; fechava-se sob o mento com uma corrente (*psellion*), que se fixava nos dous anneis de cada lado, onde tambem se prendia o freio.

* * *

Ns. **1899, 1900, 1958.** São *colheres* romanas, **ligula.** Quando servia para comer ovos ou molluscos, o cabo era pontudo e a ligula chamava-se então **cochlear.** Os Gregos adoptaram dos Romanos o uso da ligula.

* * *

CHAVES

Egypcios, Gregos, Romanos, todos os povos antigos fechavam suas portas como os modernos, ora com trancas, ora lacrando com o sinete as portas e tampas dos moveis e recessos, — ora com fechaduras de chave. Assim, na *Odyssea* **Penelope** abre com chave o deposito onde se acha o arco do marido. Os Romanos tambem usaram de fechaduras de bronze ou de ferro (N. **1962**), onde chaves de feitios muito varios se adaptavam.

Ns. **1936**, **1931**, **1974**, (ferro).

Os cofres tinham chaves menores que eram, ás vezes, fundidas em anneis:— Ns. **1976**, **1934**, **1935**, **1977** (*Pompeia*).

* * *

AS ROMANO.

Ns. **1794**, **1795**, **1796**, **1797**, **1798**, **1799**.

Depois de *430 ant. Chr.* foram criadas as primeiras **moedas romanas**: **as**, **semis**, **triens**, etc. — Anteriormente conheciam sómente o **aes rude**, que substituiu as trocas em natureza (bois, ovelhas, etc.). Estas barras levavam moldadas em relevo a figura de um animal (*bos*, *sus*), o que explica a etymologia da palavra **pecunia**, (*pecus*, gado).

As primeiras moedas foram *moldadas* — e mais tarde *cunhadas*.

O **As libralis** pesava uma *libra romana* (290 grs.) Na face: **Janus bifrons** — ns. **1794**, **1795**. No reverso: a *proa de um navio* (**ratis**) — ns. **1796**, **1798**.

* * *

Ns. **2033**, **2034**, **Signum figuli**? Marca de ceramista. O nome SECUNDINUS, está gravado de tal modo que a impressão sahia invertida (*Pompeia*).

* * *

N. **1800**. **Tessera**. *Senha de circo* (osso). No verso a indicação do logar: *XVI*. Na face — O *Colyseu*.

Ns. **1865**, **1866**, **1867**, **1868**. **Tesseræ**. Dados de osso, de seis faces — astragalos de duas faces planas. Os *Latinos* chamavam os primeiros **tesseraæ** os segundos **tali**. Os *Gregos* designavam o jogo: jogo da **Cubeia**.

O melhor lance era o triplice 6: *lance real*, **Basilicos bolos** — ou **jactus Venereus**. O peior era o triplice 1: *lance do cão*, **cyon**; — nos *Romanos*: **canis** ou **damnosa canicula**.

* * *

Ns. **2003** e **2004**. **Amuletos** de bronze: cavallos, com um annel para suspensão (Culto Solar — *Prehistorico europeu*).

Ns. **1992** a **1999**. **Touros duplos** de bronze (*Amuletos*). Pertencem a todo o prehistorico europeu (*Etrusco*).

PINTURAS DE POMPEIA

OMPEIA e **Herculanum** passaram dos *Pelasgos* e *Osques* aos *Etruscos*, que se tinham apoderado de toda a região dos **Campos Phlegreus**. — Os *Samnites* possuiram-nas depois, quando dominaram na **Campania** (*VI° Sec.*) — e as abandonaram por sua vez aos *Romanos* em 270 ant. Chr. *Sylla*, em 80, fez de **Pompeia** colonia militar (*Colonia Veneria Cornelia*); e no tempo de *Nero* a população tendo crescido consideravelmente, a cidade tomou desenvolvimente proporcional.

Houve dous terremotos, o primeiro em 63 de nossa éra, o segundo em 79.

* * *

Não se encontram pinturas *em encaustica* nas paredes; o **fresco** é uma decoração feita a agua sobre o revestimento ainda fresco da parede, preparada com cal, areia e tijolo pisado, cacos de vasos ou marmore em pó.

Como a pintura deve ser executada com grande rapidez e sem facilidade de retoques, o artista deve ser muito adestrado e as pinturas de Pompeia, delineadas com liberdade magistral, mostram com que facilidade os decoradores pompeianos imaginavam as composições e combinavam os motivos. A maior parte delles não usava cartões e os fragmentos que aqui temos revelam uma technica cheia de fantasia e de sentimento delicado do effeito, da *mancha*, como dizem os artistas modernos.

* * *

A **tempera** é processo de pintura com pincel, no qual as cores misturadas com uma substancia que as une, as liga (ovo, leite, succo de figueira, sarcocolla, etc.), são applicadas sobre revestimento de giz ou de natureza analoga ao descripto acima.

As pinturas de **Pompeia** foram em parte executadas com estes dous processos combinados: esboço a fresco, acabamento a tempera.

* * *

Entretanto a mais commum foi a pintura sobre estuque. A parede sempre preparada da mesma forma, a decoração era então traçada e o fundo de tom uniforme, preto, vermelho, etc., pintado a pincel com cera punica e oleos resinosos, reservava os motivos, como se fazia na pintura de vasos de fundo preto.

* * *

Ha quatro *épocas* no **estylo pompeiano**:

1ª época: **Samnito-grega** (*IIº Sec. — 80 ant. Chr.*) Pintura a fresco, imitação de marmores.

2ª época: Pintura a tempera — Imitação de columnas, dividindo os paineis — motivos gregos e egypcios.

3ª época: **Estylo do candelabro** — assim chamado porque as columnas tomam a forma de *candelabros*. — Acaba com o terremoto do anno 63.

4ª época: E' a época que deixou o maior numero de specimens, porque foram neste estylo restauradas todas as villas que a catastrophe do anno 63 tinha destruido. A architectura de fantasia, os bordados de arabescos deixam livre campo á imaginação dos artistas. — O segundo terremoto, de 79, não permittiu a ulterior evolução do **estylo Pompeiano** nestas cidades; — mas o **estylo decorativo alexandrino**, já interpretado pelos *Romanos*, tinha fornecido o **estylo augusteano**, e a **pintura Pompeiana**, foi ainda o inspirador da **arte christã primitiva** (*Pinturas das catacumbas*).

* * *

Os motivos que possuimos eram fragmentos de paredes e devem ser de pouco anteriores á ruina da cidade (Pertencem á *4ª época*, portanto).

Elles foram offerecidos por S. M. D. Pedro II, em 1857, ao Museu. Um delles entretanto, um pouco anterior (1848), é presente do Sr. José Firmino Marques.

Ns. **2181**, **2182**. Friso de assumptos decorativos marinhos. Hippocampos, etc.

Ns. **2183**, **2184**, **2185**. Ornatos architectonicos, ramos, aves, etc.

N. **2187**. Figura decorativa. — Musa ?

Ns. **2465**, **2466**. Dous pequenos paineis (vaso e ave).

ووقت السحر أفضل الأوقات شرخ الشباب

ESCRIPTURAS ANTIGAS

I

NAS tribus humanas onde o evoluir da civilisação foi espontaneo, e não influenciado por tribus visinhas, a escriptura appareceu na origem sob forma de **pictographia** : — é a representação ingenua dos objectos, donde nasce o **hieroglyphismo figurativo**. Sob esta forma encontram-se escripturas no **Egypto** (*Periodo archaico*), na **Creta** (*já no XXX° Sec.*), na **Mesopotamia sumeriana**, etc.

Com a repetição dessas figuras, cópias, e simplificações estabelece-se naturalmente a *estylisação* das mesmas, o que conduz ao **hieratismo**.

* * *

Mas a escriptura não se limita á figuração das cousas, dos objectos ; na linguagem, o essencial sendo a transmissão das idéas, o **ideographismo** se realiza graças aos *tropos graphicos*, isto é, ao **symbolismo**: e aqui ainda o **hieroglyphismo** e o **hieratismo** convem, figurando a parte pelo todo (*synecdoche*), o instrumento pela acção (*metonymia*), etc.

* * *

Não fôra ainda dado o ultimo passo. Os **hieroglyphos figurativos** e os **ideogrammas**, permittem a adaptação do processo, a applicação dos mesmos signaes a linguas diversas: cada um dos varios povos que delles se servem, leem-nos com suas proprias palavras: o signo da *corôa*, que lemos: « *corôa* » e que responde

perfeitamente ao sentido expresso, era lido « *enti* » pelos Egypcios, com a mesma significação, — ou *ideographicamente*, com o sentido de « *rei do Baixo Egypto* ». Assim da mesma forma serviram os **cuneiformes** para transcrever linguas de povos differentes: **Babylonios, Assyrios, Persas**.

* * *

Mas um progresso era necessario — que permittisse transcrever os proprios sons da lingua. E foi este progresso realisado com a creação do **Syllabismo** pelos Egypcios, limitando a leitura do hieroglypho figurativo á primeira syllaba da palavra: *Su*, tirado de *Suten*, — *en*, tirado de *enti*, etc. . . Este processo é o **acrologismo** (termo creado por **F. Lenormant**), que é proprio aos hieroglyphos egypcios, designados como syllabicos — e aos caracteres cuneiformes que não foram além.

Ora, este progresso foi realisado em tempos excessivamente antigos, pois que em 4000 ant. Chr., tanto no **Egypto** como na **Chaldea**, a proporção dos simples *ideogrammas* na escriptura já era muito restricta, o que prova uma longa evolução anterior.

* * *

O que distingue as palavras umas das outras, não são tanto os sons das consoantes como a natureza e collocação das vogaes. Os **Egypcios** não figuravam estas ultimas; pelo sentido da sentença reconheciam a vocalisação de cada palavra figurada e evitavam, além disso, as confusões, com o uso dos *determinativos*, acompanhando os homonymos (ou melhor os homographos). Assim: *Suten*, significava : rei, cargo de autoridade, a planta do linho, a fazenda de byssus, corôa real ; — era facil porém distinguir o sentido actual, pelos determinativos respectivos: um rei sentado, um braço armado de insignia, um ramo de tres flores, um fio de linho, uma corôa.

O que dahi resulta é que o **syllabismo** egypcio tinha de vez creado o **alphabetismo**, na forma de **consonnantismo**.

* * *

A precedente exposição fornece-nos base para pôr em duvida a tradicional attribuição ao Phenicio **Kadmus** da invenção do alphabeto. Se **Kadmus** fôr *Phenicio*, a tradição está em falta ; ha muitos motivos porém para acreditar que *Kadmus* (como tantos outros) é uma personagem symbolica, — um « doublet » de **Adamus, Atum** (O primeiro homem).

O **alphabetismo** é, portanto, muito mais antigo do que os **Phenicios** na bacia do *Mediterraneo* ; — quando estes lá chegaram, não possuiam escriptura e menos ainda alphabeto ; se não fosse assim, teriam usado a **escriptura cunei-**

forme, esta mesma escriptura formada na **Chaldea**, pelos *invasores semitas* sobre a base dos *hieroglyphos sumerianos*. Ora, a mais antiga inscripção *phenicia* conhecida é do X° Sec. ant. Chr.: a do *calix* do **Deus Liban**, quando **Hiram** era rei de **Tyro**.

* * *

Admittiu-se outr'ora, que os **Cananeus**, na época do seu dominio no **Egypto** (*Reis Pastores*), tinham escolhido alguns signos *hieraticos* do **antigo Reino**, traduzindo á phonetica de sua propria lingua e que, de volta á **Cananea**, esta escriptura teria sido a origem dos alphabetos *aramaico*, *palmyriano*, *hebraico*, etc. Entretanto sabemos que os **Egypcios** entretinham relações estreitas com a **Syria**, já no tempo da XII[a] dyn. E' bem provavel que a escriptura egypcia, mesmo *hieratica*, fosse destes povos alliados então conhecida; mas é quasi certo que não era por elles adoptada, pois que, muito mais tarde, na época da XVIII[a] dyn., o **babyloniano cuneiforme** era ainda a lingua escripta na **Palestina**, como o mostram as cartas de **Tell el-Amarna**,— quando escribas interpretes eram especialmente addidos as chancellarias egypcias dos **Amenhotep III e IV** para traduzir a correspondencia official dos prepostos do **Pharaoh** nas cidades syrias.

* * *

Os **Phenicios**, nesta época, já estavam estabelecidos na costa mediterranea, *porém não eram navegantes ainda*. A sua actividade desenvolveu-se sómente em consequencia de sua submissão aos **Thutmes**, e consecutiva alliança, depois das batalhas de **Mageddo**, **Qodshu** e **Gargamish** (*XVIII[a] dyn.*).

A dynastia seguinte ia lutar contra os « **Povos do Mar** » e, quando a confederação foi dispersada, rompida, os **Philisteus** ou **Pelesheta** que della faziam parte foram estabelecidos pelo **Ramses III** na costa da **Syria**. Estes **Philisteus**, oriundos de **Creta**, traziam comsigo uma *escriptura mediterranea*, *linear*, que estava em uso na ilha. Ha quem sustente hoje que os **Phenicios** receberam destes **Philisteus**, os elementos do *alphabeto*, que teriam propagado em seguida. Acceitando-o para as suas transacções commerciaes, elles o foram propagando nos paizes mediterraneos onde traficavam. As linguas diversas que o recebiam limitavam-se, para sua traducção graphica, aos grupos de signos que satisfaziam o proprio phonetismo.

Entretanto ainda ahi se objectou que **Cypra** possuia um *alphabeto syllabico* de origem *cretense*, muito anterior ao *phenicio*, — que foi em seguida adaptado á lingua grega e contra o qual a influencia phenicia lutou inefficazmente, pois esta graphia perdurou até aos tempos classicos, no III° Sec. ant. Christo.

A mesma observação póde ser applicada ás ilhas de **Melos** e de **Thera**, onde a *escriptura hieratica minoana* do ultimo periodo (*classe A. de* **Arth. Evans**) se encontra bem antes do IX° Sec. — quando se acreditou que os **Phenicios** tivessem iniciado nesta ilha a propagação ao mundo grego do seu pretenso alphabeto.

* * *

Uma outra corrente ainda ha que, comparando entre si os *signaes encontrados nos vasos prehistoricos egypcios*, os *alphabetos lineares creto-egeanos*, as *marcas* das *ceramicas* de **Kahun** e **Gurob**, os *symbolos gravados* ou *pintados* na **Caria** e na **Hespanha**,— constatou a profunda analogia de todos estes systemas e ligou-os aos *signos semelhantes da época neolithica*, esparsos desde o **Norte da Africa** ás regiões do sud-oeste da **França** — comprehendendo os *seixos pintados* **azilianos**, as *inscripções* em *ossos* da **Madeleine**, das *grutas* de **Gourdan**, etc. Temos aqui uma *escriptura linear* prodigiosamente antiga que teria sido propagada pelas populações *lybicas neolithicas* aos povos do *littoral mediterraneo*, aos *Cretenses* e por estes a outros ainda. E' dessa escriptura que se formaram as graphias européas posteriores e a constancia desses signaes é tão patente que os *alphabetos latinos* actuaes se servem destes symbolos, sem notavel alteração.

Seriamos novamente levados á conclusão que os **Phenicios** não crearam o alphabeto, mas receberam-no quer dos **Philisteus**, como vimos acima, quer dos **povos mediterraneos**, com os quaes entraram em contacto, e o adaptaram ás suas proprias necessidades de numeração e de phonetica. E' possivel, então, que o tivessem disposto de forma mais pratica para os fins que tinham em vista e que, commerciantes praticos, pelas continuas transacções com os povos que visitavam, hajam contribuido para certa uniformisação ; mas ahi parece ter-se limitado a sua influencia.

II

DO alphabeto que os **Phenicios** tinham formado para escrever a propria lingua derivaram: os diversos *alphabetos phenicios*, até ao **neo-punico** da época romana, — o **samaritano**, que se estiolou, — o **aramaico**, donde proveiu o **hebraico quadrado**. Este tomou feição conhecida sómente nas vesperas da era christã ; os *pontos-vogaes* foram addidos pelos **Massoretos**, criticos tradicionalistas, no 5° Sec. de nossa éra, - e a vocalisação foi completada sómente cerca do 11° Sec. O **aramaico** forneceu ainda o **palmyriano**, o **nabateu**, o **syriaco** e o **arabe**.

Ns. **2128**, **2129**. **Hebraico quadrado**. Fragmentos da **Torah** traçados sobre rôlo de pelles.

N. **2161**. **Inscripção arabe**. Sobre taboa de madeira.

* * *

Militaria em favor do papel organisador dos **Phenicios** o facto que as primeiras incripções gregas se escreviam da direita para a esquerda, como os textos semiticos, — não se sabendo quando a direcção foi mudada ; ella se transformou primeiro em **boustrophedon**, isto é, alternadamente da direita para esquerda e da esquerda para direita — e finalmente adoptou o sentido actual. Os Phenicios não devem ter influido na escriptura grega antes do Sec. IX° ; e já no VII° Sec. os mercenarios gregos do Pharaoh **Psammetico** deixaram em *Abu-Simbel* uma inscripção em sentido normal.

Os alphabetos **ionico** e **attico** são variedades do de **Thera** ; tinham 23 letras ; depois appareceu um alphabeto de 26 letras, que constitue duas variedades: o **corcyreu**, **dorico-chalcidico**, e o **argio** e **eleo-arcadio**.

Em 403 ant. Chr. a orthographia e o alphabeto **ionios** foram adoptados em **Athenas** e tornaram-se communs a toda a Grecia.

* * *

O alphabeto **etrusco** proveiu do alphabeto **eoleo-dorico** transformado, e foi a fonte dos alphabetos **ombriano, sabellico, osque, euganeo** e **rhetico**.

* * *

No tempo dos **Reis** (*Servio Tullio, os Tarquinios*) os **Latinos** conheciam a escriptura ; o alphabeto vindo da **Grecia**, passou por **Cumes** e a **Sicilia**, e era quasi identico ao alphabeto **chalcidico**. Na origem tinha 21 letras e os traços differentes das letras eram isolados.

* * *

A leitura dos **hieroglyphos** egypcios foi descoberta por **Champollion le jeune**, graças á *Pedra* de **Rosette**, achada em 1799, pelo Sr. **Boussard**, francez, official de artilharia. Era um texto bilingue, repetido em tres escripturas differentes: grega, hieroglyphica e demotica. **Champollion** que conhecia perfeitamente a lingua **copta**,— ou dos *egypcios christãos* — conseguiu decifrar o valor dos signaes e lel-os, — depois das tentativas incompletas do inglez **Th. Young**. Em 1822 tinha resolvido o problema e publicou em 1824 a primeira explicação do **Systema hieroglyphico**.

Depois da batalha de *Canope* e das capitulações do *Cairo* e de *Alexandria*, o general **Menou** esforçou-se em conservar para á França as collecções da Historia Natural e de Antiguidades colligidas pela commissão de sabios que acompanhou **Napoleão I**, mas o general **Hutchinson** mostrou-se inflexivel e não permittiu aos archeologos e artistas conservarem o fructo dos seus trabalhos. Todas as collecções de manuscriptos antigos e de antiguidades foram remettidas aos Inglezes e, entre ellas, a celebre **Pedra de Rosette**, que foi immediatamente mandada para Londres com outros « *espolios de guerra* ». (*E. P. Wilkins. The Mus. Journ. Philad. 1913.*)

* * *

O texto de **Rosette**, como se podia deparar da transcripção grega, continha o nome proprio **Ptolemeu**, que analysado, permittiu estabelecer algumas letras e com ellas tentar a decifração de outros nomes proprios. Desta forma se foi estabelecendo um alphabeto hypothetico que a experiencia corrigiu, mormente quando o texto grego traduzido em coptico por **Champollion** deixou patente a analogia de diversas palavras com aquellas do egypcio antigo, que tinham sido estabelecidas graças ao alphabeto hypothetico.

A egyptologia tornara-se sciencia franceza e, como o escreveu **James Darmesteter**: « tome quem quizer o monopolio de explorar o Egypto de agora e de despojar os fellahs, o **Egypto** com os seus 40 seculos é da **França**, pelo genio de **Champollion** e de **Mariette**, pela sciencia de **Maspero** ! ».

* * *

O sueco **Akerblad** tinha, por sua vez, estudado o texto *demotico* da mesma inscripção — e conseguiu estabelecer tambem um primeiro alphabeto *demotico*, onde a maior parte dos signos foi mais tarde reconhecida exacta.

Escriptura hieroglyphica:

Vejam as **estelas**: Ns. **2419**, **2438** e outras; — a tampa e a cuba: Ns. **525** e **526**, do ataude do sacerdote **Hora**.

Escriptura hieratica:

Vejam a tampa e a cuba: Ns. **528** e **531**, do ataude do **Netert — Amenem Sa Ast**, e a parte interna da mesma tampa.

N. **2089**. Inscripção sobre cartonagem de mumia. (Traducção P. 30.)

Ns. **2117**, **2118**. Fragmentos de papyro, com **Escriptura demotica**.

* * *

Os **cuneiformes**, assim chamados porque as syllabas, os determinativos, etc. são representados por caracteres em forma de cunhas, — foram estudados desde 1765 por **Niebuhr**; mas **Grotefend**, em 1802, foi quem primeiro descobriu parte do alphabeto dos *cuneiformes persas*, — fornecidos pelas inscripções de **Persepolis**. **Burnouf** rectificou-o ainda, e os trabalhos de **H. Rawlinson** completaram tão felizmente os estudos anteriores, que **Oppert** encontrou apenas ligeiras correcções a fazer nos resultados já obtidos.

Os **cuneiformes** derivavam de um *systema hieroglyhico* anterior, e do qual exemplares foram encontrados em *cylindros* em **Susa**, e em *taboinhas* (*tijolinhos*) **proto-elamitas**. Representavam na **Mesopotamia** o mesmo papel que as escripturas *hieratica* e *hieroglyhica egypcias*: o de consignar annaes historicos, tradições e textos religiosos ou apontamentos scientificos.— Verdadeiras bibliothecas existiam na **Babylonia** e na **Assyria** compostas de milhares de tijolinhos de barro assim gravados. (Bibliothecas d'**Assurbanibaal**, de **Nabonide**).

Eram tambem de uso mais commum os *cuneiformes* e serviam para a correspondencia (*Correspondencia de* **Tell el Amarna**, já citada), para a redacção das leis (*Codigo de* **Hammurabi**) ou dos contractos particulares (vendas, casamentos, etc.). Para evitar as fraudes nos contractos, os **Chaldeus** imaginaram revestir o tijolo gravado com capa de barro, onde as disposições constantes da acta recoberta eram repetidas *ipsis verbis*; em caso de contestação ou duvida, quebrava-se o involucro e o tijolinho primitivo dirimia a questão.

Escriptura cuneiforne:

Ns. **2171**, **2172**, **2173**, **2174**. **Babylonia** — 2ª metade do 3º millenario ant. Chr. (*Dynastia de* **Ur**?)

N. **2175**. Rei **Dungi** d'**Ur**, — 2250 ant. Chr.

N. **2176**. Tijolinho com redacção de um contracto.

N. 2179

N. **2179**. Idem — com « *capa de garantia* ».

(*Venda Ramousch*).

As indicações foram fornecidas pelo *R. P. Benedictino, Professor de Archeologia, do Convento de Sion* — (*Jerusalém*).

* * *

Na **Cappadocia**, os **Hittitos** ou **Hetheus** (*Khetas* dos **Egypcios**) usavam ainda no tempo dos **Ramessides** (*XXª Dyn.*) de uma escriptura hieroglyphica, que ainda não foi explicada, apesar dos esforços de **Sayce**, **Conder**, **Jensen**, etc. O unico monumento bilingue (*Assyrio e hetheu*) encontrado, — o sinete de **Tarkundimme**, rei de **Tarsa** (*VIIº Sec. ant. Chr.*) sendo demasiadamente curto, não permittiu estabelecer concordancias satisfactorias para uma decifração methodica.

* * *

Em **Creta** a mesma successão se observa: o *hieroglyphismo primitivo* dos sinetes transforma-se em *escriptura linear* em placas de argilla (*Excavações de* **A. Evans** *em* **Knossos**, 1900).

Infelizmente nenhum resultado positivo foi ainda alcançado para a interpretação destes signaes.

* * *

Esta escriptura que era conhecida fóra de **Creta**, em **Melos, Thera**, na **Beocia**, influiu tambem em **Cypra**, onde foram achadas á **Enkomi** inscripções sobre barro, gravadas em caracteres que são fórmas primitivas do *Syllabario cypriota* posterior, explicado pelos trabalhos de **G. Smith, S. Birch, Moriz Schmidt**, etc.

O VESTUARIO ANTIGO

QUALQUER que seja a posição social do homem, seja mesmo o rei, — frequentemente o Egypcio é representado apenas coberto com um saiote, da cinta aos joelhos á **schenti**; — o que distingue o soberano é a insignia que leva na cabeça: *capacete*, *corôa do alto ou baixo* **Egypto**, *cabelleira postiça*, etc., geralmente ornados com a *serpente real*, o **uraeus**.

O **Pharaoh** usa tambem na frente do *saiote* uma especie de *avental* triangular (N. **81**), bordado ás vezes com **uraei**. Um dos attributos mais curiosos do trajo real é a **cauda**, — ora provinda de um animal, ora imitada em couro.

As mulheres eram cobertas com **tunica** mais ou menos longa, descendo ás vezes até aos tornozelos, e sustentada sob o peito por largos suspensorios.

A roupa era feita de **linho**, a **lã** sendo proscripta das vestimentas:

N. **1963**. Fragmento de tecido de linho.

No **Novo Imperio** a moda foi mais exigente. Duas **tunicas** finissimas são frequentemente vestidas, — a exterior mais larga, cuidadosamente pregueada com dobras regulares e mangas cahindo até aos cotovellos. (N. **2458**)

As **cabelleiras** magestosas mostram renques de madeixas, ora trançadas, ora frisadas, que as mulheres adornam ainda com uma fita, uma flor de lotus, ou o vaso de unguento (XVIII[a] dyn.). Ns. **98**, **2449**.

As joias eram usadas em profusão: brincos, collares, anneis, pulseiras, braceletes, periscelides, etc. As unhas das mãos e dos pés eram tingidas de henné; — os olhos adumbrados com um traço de **Kohol** nas palpebras, pareciam maiores, ficando assim protegidos contra a violenta reverberação do sol.

* * *

Os **Gregos** chamavam **hypoblemata** as roupas vestidas directamente sobre o corpo, como o **Khiton**,— *tunica* — ora curta até ao joelho (*de typo dorio*), ora longa até aos calcanhares, **Khiton poderes** — (*de typo ionico*) — e usadas com ou sem mangas curtas.

Mantido com uma *cinta*, o **Khiton** quando recahia por cima desta, escondendo-a, formava um **Kolpos**, e permittia assim reduzir o comprimento á altura dos joelhos, dando a illusão de duas *tunicas* curtas, desiguaes e superpostas.

O camponez, o operario, o lavrador usavam a **exomide** (*Khiton curto*) presa por uma *fibula* ou um nó sobre o hombro esquerdo e descobrindo o braço e o flanco direitos.

As mulheres vestiam um **Khiton** longo, uma vez e meia a altura do corpo, de modo que o excesso se dobrava ao nivel dos hombros e descia até a cinta, como se fôra uma peça supplementar, o **diploïdion.**

Como *manto leve* usavam o **himation** por cima do **Khiton** — (Ns. **1609**, **1610**), que os homens, aliás, levavam ás vezes directamente sobre o corpo sem *Khiton*.

Os **Dorios**, em vez de *himation*, vestiam o **tribonion** de proporções mais modestas. (N. **1822**.)

A **Chlamyde** era um *tribonion* de guerra e de viagem, passado sobre o hombro esquerdo, cobrindo o mesmo lado, e fixado no hombro direito por uma *fibula* ou **peroné**. As duas pontas eram chamadas as *azas*.

* * *

Antes que adoptassem o uso da **tunica** debaixo da **toga**, os antigos **Romanos** cingiam o **cinctus** ou **campestre** (*perizôma* dos **Gregos**), analogo á **schenti** egypcia.

A **tunica** tinha approximadamente a forma de camisa; foi curta na origem (**colobium**, cahindo até a pantorrilha); — e quando descendo mais tarde até aos pés, foi dita « **talaris tunica** ». Uma cinta,— **cinctura**, **zona** — aperta-a (N. **1739**). Geralmente sem mangas, estas entretanto foram usadas desde o tempo de **Commodo** (*manuleata, manicata*).

As tunicas foram tambem ornamentadas com fimbrias (**fimbriæ**) — e com listas de purpura: quando largas, eram **laticlavi** (*para os Senadores*) — e quando estreitas, — **angusticlavi** (*para a ordem equestre*).

A **toga** era o traje nacional dos **Romanos**. Recortada num vasto retalho de lã branca, de forma ovalar, o grande eixo tinha tres vezes a altura de homem, o pequeno — duas. Dobrava-se no comprimento, de modo tal que os dois bordos curvos não se superpuzessem. O romano vestia a toga deixando cahir do hombro esquerdo sobre a frente do mesmo lado até ao pé uma das extremidades do grande diametro; — pelas costas descia o resto atravessando o dorso a tiracollo, do hombro esquerdo ao flanco direito, por baixo do braço do mesmo lado (a beira dobrada formando o **balteus**;) — do flanco a toga completava o tiracollo, subindo de novo ao hombro esquerdo,

descrevendo, porém, uma curva lassa, elegante, constituindo o **sinus** ; do hombro esquerdo a amplidão da toga pannejava o braço, relevada pelo ante-braço e cahia artisticamente disposta sobre a metade esquerda do dorso. Nas duas pontas uma borla assaz pesada, mantinha pendentes as longas dobras verticaes.

Dispôr a toga com elegancia era uma arte suprema e havia escravos especialmente adestrados em preparar as dobras e revestir o amo da toga.

Houve outros modos de vestir a **toga**. **Servius Tullius**, quando a toga era ainda usada na guerra, introduziu o **cinctus gabinus**, onde, em vez de « *sinus* », a parte da toga que sahia na frente do lado direito formava *cinta*, deixando livres os dois braços.

A *moda archaica* era mais simples — o retalho, muito menos amplo, era disposto segundo a mesma direcção que a da toga, porém sem formar **sinus**, e passando pela frente do corpo, da axilla direita ao hombro esquerdo (n. **1810**).

A **toga** usava-se geralmente por cima da **tunica**: era branca e os rapazes que usavam toga com lista de purpura (**toga prætexta**) deixavam-na na edade de 15 annos pela **toga alba** (*toga virilis*).

A **chlamyde** foi adoptada tambem pelos **Romanos** na época de **Sylla**,— porém não tardou em ser relegada ao palco. Parecia-se com o manto militar: o **sagum**.

O **pallium** era grego, e foi introduzido em **Roma** quando no Imperio o uso exclusivo da *toga* foi abandonado. Vestia-se de modo analogo a esta, ou como capa, presa então no hombro ou no peito com uma *fibula*.

A **palla** era para as mulheres o vestido correspondente á *toga masculina*.

As mulheres vestiam a **stola** por cima da **tunica** (*tunica intima*); ella ia até aos pés, e era ampla, aberta no busto, dos dois lados e mantida nos hombros com *fibulas*. Apertavam-na com duas *cintas*, uma sob o seio, outra no cós, escondida pelas dobras da **stola** que cahiam elegantemente por cima della. Um bordado guarnecia a orla inferior (**instita**).

* * *

N. **1807**. Fragmento de estatueta de um Imperador ou de um general.

A couraça (**Khalcokhiton**) está decorada com dupla orla de lambrequims, que são de origem etrusca. O **Cinctorium** em redor do corpo (*distinctivo dos officiaes superiores*). Debaixo da couraça uma *tunica curta* (**subarmale**).

(**Molde** *tirado em galvanoplastia*).

* * *

PENTEADO.

N. **1728**. Os cabellos finamente frisados em redor da testa formam as **capronæ**. (*1º Sec. de nossa éra*).

N. **1729**. Os poetas chamavam esta disposição « **orbis** » — O diadema de cabellos era feito tambem de cachos superpostos (Época dos **Flavius**, *fim do 1º Sec. de nossa éra*).

N. **1738**. Os cabellos são ondulados e sua disposição é um effeito da arte. **Homero** dava ás deusas assim penteadas o epitheto de « **kalliplókamos** » *com cabellos em lindos cachos.* (*VII° e VI° Sec. ant. de Chr.*)

N. **1613**. Os cabellos estão reunidos em nó sobre o vertex, á moda archaica — como devia ser o **krobylo**. (*Usado ainda nos V° e VI° Sec., para as divindades*).

N. **1822**. Os cabellos cortados mais curtos do que na época dos **Apollos archaicos** e mantidos com uma **vitta**. E' *moda do fim do V° Sec.* — particular aos **ephebos.**

N. **1824**. Os cabellos dispostos ao **alto** da cabeça deixam-se cahir dos hombros de cada lado, como as **Korés** do **Erechteion** (*V° e IV° Sec.*)

INDEX

INDICE DAS ILLUSTRACÇÕES